



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Paulo Victor Pereira Queiroz

O arquétipo do jornalista nas HQs do Superman

Brasília
2018



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Paulo Victor Pereira Queiroz

O arquétipo do jornalista nas HQs do Superman

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharelado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Wagner Antônio Rizzo

Brasília
2018

Paulo Victor Pereira Queiroz

O arquétipo do jornalista nas HQs do Superman

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharelado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Aprovado em 04/07/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wagner Antônio Rizzo (Orientador)

Prof. Dr. Wladimir Ganzelevitch Gramacho

Prof. Dr. Solano dos Santos Nascimento

Profa. Dra. Suzana Guedes Cardoso (Suplente)

Brasília,
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora por se fazerem presentes iluminando minhas escolhas durante toda a minha vida.

Aos meus pais Junior e Karina e à minha mãe Renata (*in memoriam*), pela dedicação incondicional, amor, carinho, incentivo diário e tantas coisas que eu não poderia descrever. Eu amo vocês.

À minha irmã Amanda, por ser a melhor companhia e abaixar o volume sempre que eu pedi, fonte de inspiração e minha melhor amiga.

Às minhas avós Maria Francisca, Mariquinha e Belks, pelas orações, e aos meus avôs Rui, Renato e Zé Bolo, pela referência, paciência e torcida.

Ao meu orientador, professor doutor Wagner Rizzo, pela disponibilidade, aposta, empatia e empréstimo de material durante todo o semestre.

Aos membros da banca examinadora, professor doutor Wladimir Gramacho, professor doutor Solano Nascimento e professora doutora Suzana Guedes, por sempre encontrarem a palavra certa quando um aluno precisa de ajuda, pelas matérias, dedicação pela profissão e carinho.

Agradecimentos particulares aos amigos Filipe Arouck e Rafael Felice, pelo companheirismo, materiais, idas à biblioteca e conselhos pessoais; às amigas Milena Marra e Cindy Tavares, pelas tentativas constantes de me ensinar a fazer pesquisa, pressão para finalizar, indicações e empréstimo de materiais de leitura, e à Mariana Borges, por ler o meu trabalho com carinho.

RESUMO

O presente trabalho busca entender como a imagem do jornalista foi construída a partir de um recorte com as Histórias em Quadrinhos (HQs) do Superman, estabelecendo a relação entre o arquétipo do jornalista e seu uso como personagem e protagonista na ficção. Essa discussão se baseia em contextualizar o conceito de arquétipo, além de entender e mostrar o desenvolvimento do Superman e a história das HQs.

1. Jornalista; 2. Histórias em Quadrinhos; 3. Superman; 4. Arquétipo. 5. HQs; 6. Comunicação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - The Reign of the Superman.....	25
Figura 2 - Capa da Action Comics nº 1.....	28
Figura 3 - Gabinete do Governador.....	30
Figura 4 - Marido agressor desacordado.....	31
Figura 5 - Superman arremessando o torturador.....	34
Figura 6 - Superman derruba um avião militar.....	35
Figura 7 - Lois refletindo sobre a frase do editor.....	36
Figura 8 - Capa de Superman nº 1.....	40
Figura 9 - Um repórter.....	42
Figura 10 - Superman arremessa bombas aéreas.....	44
Figura 11 - Superman rasga balão.....	44
Figura 12 - Superman assusta Lugane, que derruba frasco.....	45
Figura 13 - Superman sorri e assiste Lugane morrer.....	46
Figura 14 - Superman abandona a identidade de Clark Kent.....	56
Figura 15 - Capas das revistas Action Comics nº 584, Superman nº 1 e Adventures of Superman nº 424.....	60
Figura 16 - Superman move o rosto em uma velocidade anormal.....	65
Figura 17 - Clark descreve Perry White.....	72
Figura 18 - A representação do jornalista Steve Lombard.....	74
Figura 19 - Lombard enaltecendo sua boa forma.....	74
Figura 20 - Vestuário utilizado por Cat Grant antes da morte de seu filho, Adam Grant.....	75
Figura 21 – Vestuário utilizado por Cat Grant depois da morte de seu filho, Adam Grant.....	77
Figura 22 – Lane questionando Lex Luthor.....	78
Figura 23 – Jimmy sendo envolvido em uma situação de perigo.....	80
Figura 24 - Lois sendo resgatada por Superman.....	81
Figura 25 - Clark consegue o emprego no <i>Planeta Diário</i>	82

SUMÁRIO

Introdução.....	9
A. Problema de pesquisa.....	10
B. Delimitação do <i>corpus</i> de pesquisa.....	10
C. Justificativa.....	10
D. Objetivos.....	10
E. Metodologia.....	11
F. Referencial teórico.....	11
G. Pesquisa.....	13
 Capítulo I - O Jornalista na ficção e as Histórias em Quadrinhos.....	14
1.1 O jornalista na ficção.....	14
1.2 Definição e história das HQs.....	17
1.3 Super-heróis.....	19
1.4 Quadrinhos e Cinema.....	22
 Capítulo II – Superman.....	23
2.1 Jerry Siegel e Joe Shuster.....	23
2.2 The Reign of the Superman.....	24
2.3 “E assim foi criado...”.....	26
 Capítulo III - Superman Clássico (1938 a 1985).....	28
3.1 “...Superman!”.....	28
3.2 Clark, Lois e Superman.....	32
3.3 Um Quadrinho exclusivo.....	39
3.4 Do primeiro supervilão ao inimigo nº 1.....	47
3.5 O pós Siegel/Shuster e pré John Byrne.....	49
3.5.1 As iniciais de Lois Lane em outra garota.....	50
3.5.2 Os filhos de Krypton.....	51

Capítulo IV - Origens modernizadas.....	53
4.1 O que aconteceu com o Homem do Amanhã? (1986).....	53
4.2 A Origem modernizada de John Byrne (1986 - 1988).....	58
4.3 Três vezes Superman.....	60
4.3.1 Segredo revelado: Clark Kent é o Superman.....	64
4.3.2 Newstime Magazine.....	66
4.4 Superman: Birthright (2003-2004).....	67
4.5 Superman: Secret Origin (2009-2010).....	70
Capítulo V - O arquétipo do Jornalista.....	72
5.1 O Idealista.....	72
5.2 O Narcisista.....	74
5.3 O Questionador.....	77
5.4 O Manipulador.....	78
5.5 O Novato.....	79
5.6 O Destemido.....	80
5.7 O Sortudo.....	81
Considerações Finais.....	82
Referências.....	85

Introdução

O Jornalismo é uma profissão constantemente representada pela indústria do entretenimento — cinema, televisão, teatro, novelas, seriados, livros e Histórias em Quadrinhos, objeto de análise deste trabalho. Embora retratado por vezes como cético, desiludido e cheio de dúvidas ou ainda, algumas vezes, na qualidade de vilão, indivíduo que só pensa em si, em sua promoção e que faz de tudo para alcançá-la, o jornalista geralmente é associado ao herói, uma pessoa que tenta resguardar o coletivo e expor a verdade.

Mais que isso, desde o final dos anos 1930 e início da década de 1940, com a criação e caracterização do Superman, essa imagem vem sendo associada ao super-herói¹. O personagem, definido por Kleinert, Goida (2014), Knowles (2008), Morrison (2012) e Robb (2017) como o primeiro super-herói e de quem todos os posteriores se derivam ou imitam de alguma forma, possui uma identidade secreta em que atua como jornalista, sendo ela um dos principais pontos de identificação com o público.

A sociedade, por sua vez, influenciada por essas imagens, acaba então projetando no jornalista a missão de ser um super-homem, situação muito bem exemplificada, no livro *Complexo de Clark Kent: São super-homens os jornalistas?*, por Geraldinho Vieira (1991):

A ficção coloriu uma profissão onde o dia-a-dia é uma maravilhosa aventura no combate aos males sociais e na procura da verdade, onde as portas parecem abertas a toda sorte de liberdade, da manipulação da realidade ao acesso e divulgação da informação (VIEIRA, 1991, p. 12).

Esta monografia propõe-se a investigar a representação do jornalista nas histórias em quadrinhos do Superman, identificando e descrevendo arquétipos e estereótipos da profissão. Em seu sentido mais simples, o arquétipo tem sua origem no inconsciente, sendo, a princípio, um elemento intangível que só pode ser reconhecido quanto a seu conteúdo. Por isso, a necessidade de um estudo profundo, seguido de um recorte e análise de algumas obras do personagem. Por

¹ De acordo com o escritor e crítico de quadrinhos e de cinema Glen Weldon (2016, p. 24), o gênero surgiu durante a criação do Superman, quando um de seus autores, Jerome Siegel, introduziu o prefixo “super” antes da palavra “herói” e assim trouxe à existência um “gênero americano único, inteiramente novo”.

fim, o presente trabalho objetiva desenvolver e esclarecer a construção desse “Super-Homem” e o papel do jornalismo em sua identidade.

A. Problema de Pesquisa

Este trabalho busca identificar quais arquétipos estão presentes na representação dos jornalistas nas histórias em quadrinhos do Superman.

B. Delimitação do *corpus* de pesquisa

A delimitação do *corpus* de pesquisa foi baseada na leitura do livro *Superman: uma biografia não autorizada*, em conjunto com consultas nos sites *dcuguide.com* (cronologia dos personagens), *dc.wikia.com* (períodos e universos) e *guiadosquadrinhos.com.br* (publicações no Brasil), e procura tratar da construção e do desenvolvimento da identidade/mitologia do Superman entre 1938 até 2011, por meio de uma amostra com histórias selecionadas em 133 publicações.

C. Justificativa

Discutir a representação do jornalista nas histórias em quadrinhos é algo necessário para entender a construção desta imagem na ficção e no imaginário popular. A minha motivação para escrever sobre o tema é, além de interesse pessoal na construção da imagem do jornalista, afinidade com o personagem.

D. Objetivos

- **Objetivo geral**

Este trabalho tem como objetivo geral identificar os arquétipos presentes nos personagens jornalistas das HQs do Superman.

- **Objetivos específicos**

- Verificar a importância do jornalismo na construção do personagem Superman;
- Entender como se dá a representação do jornalista nas HQs do Superman;
- Estabelecer a relação entre os arquétipos do jornalista e seu uso como personagem e protagonista nas HQs do Superman.

E. Metodologia

O método de pesquisa escolhido para este trabalho baseou-se em uma revisão bibliográfica seguida de uma pesquisa exploratória, de caráter qualitativo. Dessa forma, foi possível desenvolver preparação teórica e senso crítico sobre o tema, o que possibilitou a análise de conteúdo do *corpus* levantado e a identificação dos arquétipos de jornalista presentes nas histórias em quadrinhos do Superman.

De acordo com Laurence Bardin (2002, p. 30), a análise de conteúdo possui duas funções, que, na prática, podem ou não se separar: uma função heurística, de enriquecer a tentativa exploratória e aumentar a tendência à descoberta, e uma função de administração da prova, em que há hipóteses sob a forma de indagações ou de afirmações provisórias a serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma anulação. As fases da análise de conteúdo organizam-se em aproximadamente três polos cronológicos: a pré-análise; a exploração do material e, por fim, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 2002, p. 95).

F. Referencial teórico

A elaboração e o desenvolvimento teórico deste trabalho baseiam-se em obras e conceitos de autores em específico. Para esclarecer o conceito de inconsciente, utilizei como referência a definição do psiquiatra e psicoterapeuta suíço, fundador da psicologia analítica, Carl Gustav Jung (2002, p. 15) de que o inconsciente de um indivíduo possui duas camadas, uma superficial derivada do aprendizado e de experiências particulares, denominada *inconsciente pessoal*, que

repousa sobre uma segunda camada, que nasce com a pessoa, universal e igual em todos os seres humanos, denominada *inconsciente coletivo*.

O referencial da contextualização do termo arquétipo também se baseia na definição de Jung (2002, p. 53-54), que, auxiliado pelo livro *O Herói de Mil Faces*, de Joseph Campbell, indicou figuras psíquicas preexistentes no *inconsciente coletivo*, presentes em todo tempo e lugar, que podem, de forma complementar, se tornar conscientes e conceder um modelo aos conteúdos da consciência.

Sobre o interesse da ficção na prática jornalística, utilizei conceitos de Senra (1997, p. 13-14), de que esse privilégio com relação a outras ocupações é resultado dos indivíduos da grande imprensa serem, de imediato, públicos, tendo a exposição como um requisito primário para a dinâmica jornalística e coincidindo com uma etapa de preparação da atividade, e conceitos de Travancas (1993, p. 34), em que a paixão pela profissão e o “sacrifício” de tempo nos fins de semana, feriados, além do horário de trabalho para contar uma história e informar, transformam o jornalismo em uma vocação interessante para a ficção. Além desses, complementei com a visão de Malcolm (2011, p. 11), na qual o jornalista, embora pareça solidário e amigável com um entrevistado, procura escrever com sua própria visão acerca do determinado fato.

Quanto às histórias em quadrinhos, utilizei a princípio as definições de Eisner (2010, p. 9), de que arte sequencial é um meio de expressão criativa e uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia. O termo é explicado por Cirne (2002, p. 14), como uma narrativa gráfico-visual feita a partir do agenciamento de, no mínimo, duas imagens desenhadas que se relacionam e que possuem suas particularidades próprias.

Ainda nesse contexto, McCloud (2005, p. 7-9) expande a definição para “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”, o que é complementado por Campos (2015, p. 16-17), o qual afirma que a definição das histórias em quadrinhos muda à medida que estas evoluem.

Acerca da descrição dos Super-Heróis, incorporei conceitos dos livros *Nossos Deuses São Super-Heróis* (2008) e *A identidade secreta dos Super-Heróis* (2017), que lidam com religião, origens e influências, além do livro *O Herói de Mil Faces*, de

Joseph Campbell (2007), que trata do conceito de monomito, abordando um percurso padrão da aventura mitológica de um herói.

G. Pesquisa

O primeiro capítulo, *O Jornalista na ficção e as Histórias em Quadrinhos*, é dedicado a uma revisão acerca do conceito de inconsciente e arquétipos de acordo com o fundador da psicologia analítica, Carl Gustav Jung, em que apresento uma breve contextualização sobre a representação do jornalista na ficção e procuro esclarecer o surgimento das histórias em quadrinhos, explicar seu significado e definir o gênero dos super-heróis com base na definição de Christopher Knowles, Scott McCloud, Álvaro de Moya, Rogério Campos, Will Eisner, Brian J. Robb e Moacyr Cirne, entre outros autores.

No segundo capítulo, *Superman*, discorro acerca de Jerry Siegel e Joe Shuster, os criadores do Superman, falando sobre suas motivações, inspirações e do processo de criação do personagem, destacando inclusive seu primeiro esboço, a história *The Reign of the Superman*.

No terceiro capítulo, *Superman Clássico*, desenvolvo um período do personagem que considero referente à mitologia original do personagem, mostrando a importância do jornalismo na construção das primeiras aventuras do personagem.

No quarto capítulo, *Origens modernizadas*, procuro explorar a transição e a posterior reformulação da mitologia do Superman proposta por John Byrne, discutir acerca da identidade secreta do herói e esclarecer algumas de suas novas origens.

No quinto capítulo, *O arquétipo do Jornalista*, procuro identificar e discorrer sobre as imagens arquetípicas presentes nos jornalistas mais representativos nas histórias do Homem de Aço.

Para finalizar, apresento a conclusão do trabalho.

Capítulo I - História em Quadrinhos, arquétipo e o jornalista

1.1 O jornalista na ficção

O jornalista é um personagem de fascínio e sucesso na indústria do entretenimento. A imagem desse profissional é representada constantemente no teatro, em novelas, seriados, livros, filmes e nas histórias em quadrinhos. Essa projeção, assim como as de outras profissões, traz elementos significativos e compartilhados pelos meios de comunicação, com uma mídia influenciando outra ao longo dos anos na construção do arquétipo desse profissional. Hoje, visitar uma redação e conhecer a rotina produtiva de trabalho de um jornalista não parece ser importante.

A compreensão do conceito de arquétipo está relacionada à ideia correlata de inconsciente coletivo. O psiquiatra Carl Gustav Jung (2002, p. 15) menciona que o inconsciente de uma pessoa possui duas camadas, o *inconsciente pessoal*, camada relativamente superficial, que é inquestionavelmente pessoal, com origem no aprendizado e nas experiências pessoais, que repousa sobre uma segunda camada, mais profunda, inata, de natureza universal e idêntica em todos os seres humanos, o *inconsciente coletivo*:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade (JUNG, C., 2002, p. 53).

O conceito de arquétipo indica formas psíquicas preexistentes no inconsciente coletivo, presentes em todo o tempo e lugar, que podem se tornar conscientes de forma secundária e dar um modelo aos conteúdos da consciência (JUNG, C., 2002, p. 53-54). O que é herdado não são as ideias; o arquétipo é um elemento vazio determinado apenas quanto à forma, e não quanto ao conteúdo, o qual é uma imagem primordial, e não uma “idéia inconsciente”, e apenas “uma possibilidade dada a priori da forma da sua representação” (JUNG, C., 2002, p. 91):

Do mesmo modo que os sonhos são constituídos de um material preponderantemente coletivo, assim também na mitologia e no folclore dos diversos povos certos temas se repetem de forma quase idêntica. A estes temas dei o nome de arquétipos, designação com a qual indico certas formas e imagens de natureza coletiva, que surgem por toda parte como elementos constitutivos dos mitos e ao mesmo tempo como produtos autóctones individuais de origem inconsciente. Os temas arquetípicos provêm, provavelmente, daquelas criações do espírito humano transmitidas não só por tradição e migração como também por herança. Esta última hipótese é absolutamente necessária, pois imagens arquetípicas complexas podem ser reproduzidas espontaneamente, sem qualquer possibilidade de tradição direta (JUNG, C. G., 1978, p 55).

A sociedade, enquanto público dessas produções, acaba reproduzindo e perpetuando essa representação, que, fundamentada e verdadeira ou não, se mostra uma projeção consolidada no imaginário da população, uma imagem arquetípica que se mantém viva na medida em que essa construção permanece. A jornalista Janet Malcolm (2011) discorre acerca de um momento em que a prática cotidiana revela certa disparidade entre o que o jornalista aparenta ser para o público e o que ele é, durante uma entrevista:

A catástrofe, para aquele que é tema do escrito, não é uma simples questão de um retrato pouco lisonjeiro, ou de uma apresentação errônea das suas opiniões; o que dói, o que envenena e algumas vezes o leva a extremos de desejo de vingança, é o engano de que foi vítima. Ao ler o artigo ou livro em questão, ele tem de enfrentar o fato de que o jornalista - que parecia tão amigável e solidário, tão interessado em entendê-lo plenamente, tão notavelmente sintonizado com o seu modo de ver as coisas - nunca teve a menor intenção de colaborar com ele na sua história, mas pretendia, o tempo todo, escrever a sua própria história (MALCOLM, 2011, p. 11).

A predileção do uso desse personagem na ficção pode ser explicada por muitos fatores. De acordo com Stella Senra (1997, p. 13-14), esse “privilegio” na criação de uma imagem ante a outras ocupações se deve, em parte, a figuras da grande imprensa serem, de imediato, públicas, sendo a exposição um dos primeiros requisitos da dinâmica jornalística, e, mais que uma eventualidade, a transformação em imagem desse profissional coincide em uma etapa de preparação da sua atividade. Essa submissão do jornalista a uma visibilidade cada vez maior e a consequente afirmação de sua imagem são mais evidentes na televisão, mas o fenômeno acontece nos jornais em que o nome, tanto como a imagem, possui os “mesmos investimentos afetivos e mecanismos de projeção, vem sendo erigido como entidade definitiva, incontornável, competindo às vezes com a notícia e com o

peso dos fatos (SENRA, 1997, p. 17). Na realidade, esse contexto afetivo e juízo no imaginário popular acontecem de forma semelhante também no rádio e na internet.

A relação entre exercício profissional e tempo é um elemento importante na vida de qualquer trabalhador. Para a jornalista Isabel Travancas (1993, p. 34), o jornalista precisa ficar de prontidão em busca da informação e da notícia - definida quase sempre pela novidade -, e trabalhar aos fins de semana e feriados é parte de sua rotina, não possui um horário preciso de saída e não pode sair mais cedo. Do mesmo modo que em outras profissões, como médico, policial e bombeiro, o jornalista está disponível de forma integral para seu ofício. A paixão profissional e o “sacrifício” de tempo, além do horário de trabalho para contar uma história e informar, acabam transformando o jornalismo em uma vocação interessante para ficção:

Essa adesão envolve uma questão subjetiva da relação do jornalista com o trabalho e que não deve ser compreendida apenas pelo número de horas em que ele está ocupado com ela. Há profissões em que a carga horária de trabalho é bem maior. O que está em jogo é o fato de os jornalistas estarem vinculados ao trabalho além e independentemente do tempo gasto em exercício. O tempo é apenas uma amostra. Assim, também paixão e adesão merecem ser discutidas. Ainda que sejam categorias de planos diferentes, eles podem estar presentes simultaneamente (TRAVANCAS, 1993, p. 60).

No cinema, um dos maiores veículos de comunicação em massa, a presença e o sucesso da figura do jornalista podem ser explicados a partir da “noção forjada pela imprensa americana na segunda década deste século e difundida mundialmente como fundamento da prática jornalística”, e a busca pela veracidade do cinema baseada em um registro “objetivo” (SENRA, 1997, p. 38):

Como personagem do filme, a sua simples presença tem tido o dom de ‘contaminar’ as imagens que o acompanham, conferindo-lhes a caução de uma veracidade que o cinema sempre esteve preocupado em restaurar. Esta transparência, incorporada pela visão do jornalista, que faz com que as imagens do filme apareçam como pura ‘emanação’ de seu olhar, vem consolidar o seu caráter ‘espontâneo’ e ‘sem artifício’ - comumente considerado como um padrão de qualidade cinematográfica - que confortou ao longo do tempo a propagação do modelo hollywoodiano (SENRA, 1997, p. 38).

A literatura, o teatro e as histórias em quadrinhos são formas de diálogo que, assim como o cinema, utilizam de arquétipos para formar reproduções reconhecíveis pelas pessoas, formando estereótipos e, no caso do jornalismo, se beneficiando de

uma suposta “objetividade” jornalística. É importante ressaltar que é “quase impossível não utilizar estereótipos nos meios de comunicação de massa” (BARBOSA, 2009, p. 104), entendidos aqui como características, uma forma de um autor criar familiaridade com o público e desenvolver um personagem bem definido na história.

Entretanto, embora representado de modo frequente na ficção, as revistas de histórias em quadrinhos se destacam por algumas das figuras jornalísticas mais emblemáticas: Ben Urich (Daredevil), Brenda Starr, Iris West (The Flash), Spider Jerusalem (Transmetropolitan), Vicki Vale (Batman), Billy Batson (Shazam), Tintin (Les aventures de Tintin), Betty Brant, Eddie Brock, John Jonah Jameson, Peter Parker (Spider-Man), Cat Grant, Jimmy Olsen, Perry White, Lois Lane, Clark Kent (Superman), dentre outros, dos quais muitos se expandiram dos quadrinhos para programas de rádio, livros, filmes e seriados.

1.2 Definição e história das HQs

Seguramente nunca existiu em todo o desenvolvimento da humanidade determinado invento reivindicado por apenas uma única cultura ou país. Talvez isso explique a dificuldade que historiadores e estudiosos vêm enfrentando em definir um consenso acerca da origem das histórias em quadrinhos (HQs).

De acordo com Christopher Knowles (2008, p. 123), o inglês William Hogarth inventou a moderna tira em quadrinhos em 1731, com *A Harlot's Progress*, e, depois, com *Rake's Progress*. Para Scott McCloud² (2005, p. 17), o suíço Rodolphe Töpffer, “cujas histórias com imagens satíricas, iniciadas em meados do século XIX, empregavam caricaturas e requadros - além de apresentar a primeira combinação interdependente de palavras e figuras na Europa³”, foi o pai dos quadrinhos modernos. Álvaro de Moya (1986, p. 230) sustenta que, “no dia 5 de maio de 1895, um domingo, no jornal *World de Nova Iorque*, surgiu o primeiro personagem fixo semanal, dando margem ao aparecimento das histórias em quadrinhos”. Dessa

² Nome conhecido no meio dos quadrinhos alternativos nos anos 80 ao lançar a série de caráter experimental “Zot!”. Ficou consagrado após lançar uma série de livros teóricos sobre quadrinhos em formato de HQ e discutindo o assunto como protagonista da história (KLEINERT; GOIDA, 2014, p. 312).

³ Existem divergências acerca de qual das obras de Töpffer deve ser considerada a “primeira história em quadrinhos: *Les Amours de Mr. Vieux Bois*, que ele desenhou em 1827, mas só publicou em 1837; ou se *Histoire de Monsieur Jabot*, publicada em 1833” (CAMPOS, 2015, p. 9).

forma, o norte-americano Richard F. Outcault seria o motivo do início das HQs com Yellow Kid⁴.

Nesse sentido, Rogério Campos (2015, p. 9-10) aponta diversos nomes que podem ter sido “criadores” dos quadrinhos - Jimmy Swinnerton, William Randolph Hearst, Caran d’Ache e Cristophe, Apel·les Mestres e Mecachis, Rafael Bordalo Pinheiro, Angelo Agostini, Sébastien Auguste Sisson, Max e Moritz, Émile de Tessier, Félix Nadar, Gustave Doré, François Aimé Louis Dumolin, Katsushika Hokusai, Mecashis, Thomas Rowlandson, Rei Afonso X (o Astrólogo), entre outros - sugerindo o *Livro dos Mortos* egípcio e cavernas rupestres. McCloud (2005, p. 10-15) afirma não ter a mínima ideia de onde ou quando os quadrinhos começaram, citando manuscritos colombianos, uma tapeçaria francesa, hieróglifos e pinturas egípcias como possíveis exemplos de histórias em quadrinhos.

Ainda de acordo com Campos (2015, p. 16-17), uma afirmação nesse sentido se torna ainda mais difícil na ausência de um marco tecnológico evidente como houve no cinema e na fotografia, e “seria necessário, antes de tudo, definir o que é uma história em quadrinhos”.

Will Eisner⁵ defende a “arte sequencial”⁶ como um “veículo de expressão criativa, uma disciplina distinta, uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia”, uma forma artística e método de expressão (EISNER, 2010, p. IX). Ao descrever a expressão arte sequencial de Eisner, Moacyr Cirne (2002) menciona que:

O que isso quer dizer, exatamente? Quer dizer que são uma narrativa gráfico-visual, com suas particularidades próprias, a partir do agenciamento de, no mínimo, duas imagens desenhadas que se relacionam. Entre as imagens, um corte, que chamaremos de corte gráfico - de certo modo, o lugar que marca o espaço do impulso narrativo. Esse corte tanto será espacial quanto temporal (aqui, gerando as elipses: um tempo a ser preenchido, muitas vezes, pela imaginação do leitor). A passagem entre uma imagem e outra revelará, se fluente, a marca de um bom narrador, se brusca, para não ser ríspida, ou dura, será eficaz na medida das

⁴ A história de Yellow Kid também definiu o uso do termo jornalismo amarelo (no Brasil, marrom), para designar a imprensa sensacionalista (MOYA, 1986, p. 230).

⁵ Com mais de 50 anos de carreira, William Erwin Eisner começou a trabalhar em 1936, participou da criação de heróis e heroínas como Sheena, Queen of the Jungle, Yarko, the Magician, Lady Luck, Uncle Sam, K 51 e The Three Brothers e criou obras como *Hawks of the Sea* e *Spirit*, que prosseguiu até 1952 com mais de 700 histórias publicadas e dedicou-se por quase 25 anos ao treinamento e profissionalização de ilustradores. Entre 1978 e 2005, quando faleceu, lançou obras como *Um contrato com Deus*, *Ânsia de Viver*, *O edifício* e a série “City” (KLEINERT; GOIDA, 2014, p. 145-146).

⁶ Termo utilizado pelo quadrinista para descrever os quadrinhos em seu livro *Quadrinhos e Arte Sequencial*.

necessidades temáticas do roteiro e/ou do enredo propriamente dito (CIRNE, 2002, p. 14).

Scott McCloud (2005, p. 7-9) reconhece o termo proposto por Eisner como “um bom começo”, expandindo sua definição: “Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”. Essa explicação apresenta o texto como um recurso de possibilidade narrativa, e não fator de exclusão, expandindo os quadrinhos “antes do ‘ponto de partida’ artificial em 1896 e ‘The Yellow Kid’... Chegando mais de três mil anos atrás!” (McCloud, 2005, p. 199-200).

Campos (2015, p. 16-17) sugere que a “definição de uma HQ tem mudado à medida que ela evolui. E junto vai mudando a visão que temos da história dos quadrinhos”, afirmando que o entendimento segue também os artistas. De acordo com Dan Mazur e Alexander Danner (2014), o que se pode deduzir a partir de discussões como essa é que nenhum país ou cultura pode reclamar a propriedade dos quadrinhos; a propensão de contar histórias combinando texto e imagem é universal e, ainda “que eles tenham se desenvolvido em grande medida de forma independente, em culturas separadas por oceanos e barreiras linguísticas, sempre houve influências transculturais e transnacionais” (MAZUR; DANNER, 2014, p. 7).

1.3 Super-heróis

De acordo com Robb (2017, p. 14), a maioria dos super-heróis se dedica ao aperfeiçoamento de uma habilidade humana excepcional, controle e superação de um defeito ou possui alguma espécie de superpoder e fraqueza fatal, exibindo em ambos os casos um “sólido código de ética e uma dedicação altruísta com o público: eles costumam sair para fazer a coisa certa, não obstante quaisquer recompensas possíveis e geralmente à custa da própria vida pessoal”.

Para Knowles (2008, p. 131), existir única e exclusivamente para salvar outras pessoas, oferecendo uma salvação definida e, ao contrário de salvadores religiosos, nada ambígua, explicaria a grande popularidade e o encanto permanente do gênero entre crianças e adultos, suprimindo uma ansiedade e satisfazendo a “necessidade infantil de um pai ou irmão mais velho que nos proteja de agressões e resolva nossos problemas é um impulso que todos nós sentimos”.

Segundo o escritor de histórias em quadrinhos, Grant Morrison⁷ (2012),

Vivemos nas histórias que contamos. Numa cultura secular, científica e racional, que deixa a desejar em lideranças espirituais confiáveis, as histórias de super-herói falam mais alto e com mais força frente a nossos grandes medos, nossos desejos mais profundos e nossas maiores aspirações. Elas não têm medo de trazer esperança, não se envergonham do otimismo e não têm medo do escuro. Estão o mais distante possível do realismo social, mas as melhores histórias de super-herói lidam diretamente com elementos míticos da experiência humana com os quais nós podemos fazer paralelo, de forma criativa, profunda, engraçada e provocante. Eles existem para resolver problemas de todo o tipo e sempre podemos contar com eles para salvar o dia. Quando são bons, eles nos ajudam a enfrentar e resolver até crises existenciais mais profundas. Devíamos ouvir o que eles têm a dizer (MORRISON, 2012, p. 16).

McCloud (2005, p. 188) destaca que os símbolos constituem os deuses e, nesse sentido, destaca-se o poder icônico adotado pelos super-heróis: “como as cores dos uniformes permaneciam as mesmas, quadro após quadro, elas passaram a simbolizar personagens na mente do leitor”. Para Eisner (2005, p. 78), essa roupa é uma derivação da vestimenta dos homens fortes dos circos, sendo o Super-Herói um estereótipo dos quadrinhos particular e característico da cultura americana, um ícone que satisfaz a atração popular nacional e adotado em histórias que enfocam vingança e perseguição, com poderes que limitam o roteiro, vencendo mais por força do que por malícia.

Entretanto, esse modelo marcante de super-herói americano, popular a partir da Grande Depressão⁸ e que hoje domina toda uma indústria e mercado ao redor do mundo teve origem em narrativas da antiguidade, histórias recontadas através dos

⁷ Escritor de quadrinhos desde 1978, a estreia de Morrison no mercado americano aconteceu em 1988 na DC Comics, quando começou a escrever para a revista do *Homem-Animal*, lançou a série da “Patrulha do Destino” (1989), a minissérie “Batman: Gothic” (1991). Lançou obras com o selo Vertigo a partir da década de 90, como o especial *Como matar seu namorado* (1995) e as minisséries “Kid Eternidade” (1991), “Sebastian O” (1993), “Mistério Divino” (1994), “The Filth” (2002), “We3” (2004) e “Os Invisíveis” (1994-2000) e na mesma época, ainda pela DC atuou na revista da *Liga da Justiça* (1997) e nas séries de “Astek - The Ultimate Man” (1996) e “Flash” (1997). Colaborou na Marvel em HQs da minissérie “Quarteto fantástico 1234” (2001) e na série “Novos X-Men” (2001). Retornou para a DC em 2005 e lançou a premiada obra *All Star Superman* e mais tarde, as séries “Os Sete Soldados da Vitória” (2005), “52” (2006) e “Crise Final” (2008). Criou polêmicas com o Batman em 2006, onde no arco *Descanse em paz*, o personagem aparentemente morre (KLEINERT; GOIDA, 2014, p. 331-332).

⁸ Durante a década de 1920 o mercado de ações americano estava em alta e com isso, e em busca de um lucro “certo”, mais e mais pessoas começaram a investir, chegando a, até mesmo, se endividar e vender a própria casa. Em outubro de 1929, como resultado da inadimplência, os preços das ações desabaram, provocando a quebra da Bolsa de Valores de Nova York. O colapso acabou afetando diversos países da Europa que estavam sendo financiados pelos Estados Unidos após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e países que exportavam produtos para a América por todo o mundo. A crise só terminou durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), sendo considerada o maior período de recessão econômica do século XX. Disponível em: < <https://mundoestranho.abril.com.br/historia/o-que-foi-a-grande-depressao/>>. Acesso em: 11/06/2018.

séculos. Indivíduos comuns com habilidades inacreditáveis herdadas de deuses e deusas, algumas vezes resultado de um ato sexual entre deuses e humanos, e outras, fruto do simples desejo de um imortal em conceder ampla capacidade a um mortal (ROBB 2017, p. 17-18):

Quando os Estados Unidos se esforçaram para sair da Grande Depressão, os símbolos e histórias dos antigos deuses retornaram à cultura americana. Nas revistas em quadrinhos, esses deuses e heróis do passado ganharam vida e ajudaram a inspirar os Estados Unidos a recuperar suas forças. Esse retorno dos antigos deuses bateu de frente com grandes progressos na ciência e na tecnologia (KNOWLES, 2008, p. 132).

No livro *O Herói de Mil Faces*, Joseph Campbell (2007) apresenta o percurso padrão da aventura mitológica do herói, mostrando semelhanças entre religiões, contos de fadas, lendas e diferentes histórias de diferentes culturas, desde a antiguidade; um monomito aplicado em diversas histórias de origens de super-heróis - a “jornada do herói”:

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas — forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes (CAMPBELL, 2007, p. 36).

Robb (2017, p. 28) acrescenta ainda a “ficção barata”, na forma das revistas americanas de contos, dos *penny dreadfuls*⁹, das *dime novels*¹⁰ do início do século XX ou das radionovelas da década de 1929 e 1930 como influência para o gênero, produzindo “personagens heroicos e vilanescos que influenciaram os super-heróis dos quadrinhos do final dos anos 1930 e do início da década de 1940. Hoje, esses mesmos personagens são os blockbusters do século XXI, em que “os maiores públicos dos super-heróis estão nos cinemas e na televisão, e não lendo as revistas em quadrinhos de onde eles vieram” (ROBB, 2017, p. 12-13).

⁹ Os *penny dreadfuls* eram a literatura barata da era vitoriana, vendida a 1 centavo de dólar (penny), com histórias contadas em capítulos semanais sobre aventuras e casos policiais violentos, sensacionalistas e sangrentos (ROBB, 2017, p. 17).

¹⁰ Termo utilizado para designar uma ficção americana barata (impressa), vendida a 10 centavos de dólar, com origem na série *Dime Novels* da editora Beadie, de 1860 (ROBB, 2017, p. 17).

1.4 Quadrinhos e Cinema

O cinema surgiu em 28 de dezembro de 1895 quando os estudos fotográficos dos irmãos Louis e Auguste Lumière resultaram em uma apresentação pública do “Cinematógrafo” no Salão Grand Café, em Paris e na exibição do filme *L'Arrivée d'un Train à La Ciotat*. Campos (2015) destaca a influência das HQs no cinema:

A primeira ficção da história do cinema, *L'Arroseur Arrosé*, que os irmãos Lumière produziram em 1895, é a adaptação de uma história em quadrinhos. *Une nuit terrible*, filme de Georges Méliès fez em 1896, é uma versão de um dos episódios de *Max und Moritz*, de Bush. Inspirado em Bush, e também em Töpffer, Sergei Eisenstein passou a juventude enchendo cadernos e cadernos de desenhos. Quanto teria aprendido sobre montagem nesse processo? *Little Nemo* inspirou várias cenas de King Kong, e outra criação de Winsor McCay, *Dream of Rarebit Fiend*, teria sido a inspiração para o surgimento do amante furioso que protagoniza *L'Age D'or*, de Luis Buñuel. Entre os papéis de Milton Caniff que estão no Museu Billy Ireland de Quadrinhos e Cartuns da Universidade de Ohio, há uma carta que o entusiasmado fã Orson Welles escreveu em 1939, mesmo ano em que assinou contrato com a RKO para filmar *Cidadão Kane* (CAMPOS, 2015, p. 16-17).

McCloud (2005, p. 7-8) entende ser possível considerar que, antes de ser projetado, um filme é uma história em quadrinhos muito lenta, diferenciando a questão espacial entre as mídias: “Cada quadro de um filme é projetado no mesmo espaço - a tela -, enquanto, nos quadrinhos, eles ocupam espaços diferentes. O espaço é pros quadrinhos o que o tempo é pro filme”.

Acerca desses quadros, Eisner (2010, p. 41) esclarece que, enquanto em um filme os quadros, impressos nos fotogramas, são exibidos um por vez e o espectador fica preso, não conseguindo ver outro quadro sem que o cineasta permita, na arte sequencial, o leitor está livre para desviar o olhar para outro quadrinho e, embora o folhear de uma revista apresente certo controle, não é tão absoluto como ocorre no cinema. Por isso, o artista tem que, desde o início, procurar concentrar a atenção do público na sequência narrativa:

Assim, o filme, que é uma extensão das tiras de quadrinhos, tem absoluto controle sobre sua leitura - vantagem de que o teatro também desfrutava. Num teatro fechado, o arco proscênio e a profundidade do palco formam um único quadro, e a plateia, sentada numa posição fixa, vê a ação contida nele (EISNER, 2010, p. 41).

Donald Crafton (1990, p. 256), em seu livro *Émile Cohl, Caricature and Film*, afirma que a “maneira mais direta com que artistas gráficos populares influenciaram o cinema foi unindo-se ao ‘inimigo’. Caricaturistas, cartunistas e quadrinistas formaram um número surpreendente de equipes no início do cinema”¹¹. Embora sejam convenções narrativas diferentes¹², ambas as mídias dialogam com o público por meio de palavras e imagens. Estudar quadrinhos ou ter uma prática na área significa uma maior experiência com transições, técnicas de identificação com o leitor, perspectiva, ambiguidade, conclusão e humor.

Muitas vezes, os cineastas encontram nos quadrinhos idéias que podem ser adaptadas para o cinema. Como não trabalha com tempo real e nem movimento, o narrador de quadrinhos está livre para inventar e distorcer a realidade utilizando-se de caricaturas e maquinários que, no mundo real, nunca funcionariam. O uso de heróis uniformizados nos quadrinhos foi resultado de uma liberdade inovadora que os autores adotaram para fugir do confinamento do realismo do teatro e do cinema (EISNER, 2005, p. 77).

Knowles (2008, p. 38) aponta que “a maior parte dos filmes contemporâneos de ação extrai sua linguagem visual das histórias em quadrinhos. O ritmo de constante hiperviolência dos filmes de ação atuais vem diretamente de Jack Kirby”¹³. Mais que isso, a indústria multimilionária montada em torno dos super-heróis foi resultado de uma troca entre as duas mídias, temporadas e temporadas de blockbusters que “começou com apenas dois homens, um personagem extraordinário e uma revista em quadrinhos”, Jerome “Jerry” Siegel e Joseph “Joe” Shuster (ROBB, 2017, p. 37).

Capítulo 2 - Superman

2.1 Jerry Siegel e Joe Shuster

Jerome Siegel e Joseph Shuster nasceram em 1914. Siegel, em outubro na cidade de Cleveland, Ohio, nos Estados Unidos e Shuster, em julho na cidade de Toronto, Ontário, no Canadá. Quando tinha dez anos, Joe e sua família se mudaram

¹¹ Minha tradução para: *Certainly the most direct way in which popular graphic artists influenced cinema was by joining the 'enemy'. Caricaturists, cartoonists, and comic-strip artists made up a surprising number of the personnel of early cinema.*

¹² Para Eisner (2005, p. 75), enquanto em um filme a fotografia, o som e a tecnologia fazem referência a um movimento autêntico para transmitir uma experiência real, os quadrinhos precisam fazer essa alusão, narrando essa experiência a partir de uma plataforma estática impressa.

¹³ Segundo McCloud (2005, p. 74-75), o trabalho de Kirby procura dar ênfase na ação, apresentando transições entre quadros que regularmente vão de ação para ação.

para Cleveland, onde foram naturalizados americanos e conheceu Jerry durante o ensino médio, sete anos mais tarde na Glenville High School, em 1931. Ambos eram jovens tímidos, “quatro-olhos” e filhos de imigrantes judeus apaixonados por ficção científica em revistas pulp¹⁴, seriados de cinema e tiras de jornais e aspiravam fazer muito mais que apenas ler sobre mundos imaginários: eles queriam criá-los (ROBB, 2017, p. 38).

Shuster era um garoto baixinho cuja principal válvula de escape, além da prática de levantamento de peso, era desenhar quadrinhos. Siegel não praticava esportes e suspirava pelo tipo de garota que o desprezava, e, canalizando essa paixão na escrita, passou a escrever para o jornal da Glenville High, no qual o amigo passou a colaborar com desenhos nas tirinhas cômicas, enquanto tentavam vender histórias sobre detetives armados com equipamentos, homens das cavernas e aventuras futuristas (WELDON, 2016, p. 20-21).

Sem sorte com as vendas, a dupla decide partir para a autopublicação e, assim, surge o fanzine *Science Fiction: The Advance Guard of Future Civilization*. A revista teria apenas cinco edições, sendo a terceira com a participação do Superman, ou pelo menos de sua primeira versão.

2.2 The Reign of the Superman

¹⁴ Publicações em papel barato, com histórias apelativas e sensacionalistas sobre crimes e aventuras exóticas e vendidas ao preço de 10 centavos de dólar (ROBB 2017, p. 17).

Figura 1 - *The Reign of the Superman*.



Fonte: superman.wikia.com/wiki/Reign_of_the_Superman

Publicado em janeiro de 1933, o terceiro número da revista *Science Fiction* trazia uma história chamada *The Reign of Superman* (figura 1), escrita e ilustrada pela dupla “Jerry e Joe”. A narrativa mostra Ernest Smalley, um cientista louco procurando uma pessoa para fazer experiências. Sem saber de suas intenções, Bill Dunn, um nômade faminto, acaba indo para a casa do cientista em troca de comida e roupas. Dunn acaba desenvolvendo poderes telepáticos e os usa para manipular as pessoas, enriquecer e dominar o mundo com pensamentos de ódio. Em seguida, mata Smalley para evitar que ele também se transforme em um “super-homem”¹⁵. Paralelamente, o jornalista Forrest Ackerman investiga os motivos de uma provável guerra em escala global. Os dois caminhos se cruzam e Ackerman faz uma prece ao “criador do mundo” para salvar o planeta e imediatamente Dunn perde seus poderes.

Embora uma história simples, *The Reign of Superman* apresentou elementos importantes para a construção da mitologia do Superman. “O elemento químico que transformou Bill Dunn em um super-humano veio de um meteoro do espaço”, o repórter e o testemunho de Bill após descobrir seus poderes sobre uma batalha entre criaturas estranhas no espaço (ROBB, 2017, p. 40):

¹⁵ Para Knowles (2008, p. 76), provavelmente Siegel encontrou a expressão com a obra *Assim Falou Zaratustra*, do filósofo Friedrich Nietzsche e onde um *Übermensch*, um “sobre homem” pós cristão que restauraria valores de um mundo clássico, sendo a tradução em português da expressão exatamente “super-homem”.

Embora estivessem tentando havia apenas alguns meses, os esforços de Siegel e Shuster em se profissionalizarem não deram resultado, e a formatura no ensino médio se aproximava. O tempo estava se esgotando para que os dois deixassem uma marca e escapassem do destino como mais um número na estatística de desempregados da Grande Depressão. Siegel trabalhava como entregador após as aulas e recebia quatro dólares por semana, enquanto Shuster começara a vender sorvete na rua. No fundo, os dois acreditavam que esses não eram os empregos a que estavam destinados: Siegel e Shuster tinham ambições maiores se ao menos conseguissem descobrir um jeito de se fazerem ouvir (ROBB, 2017, p. 41).

Eles continuavam sem conseguir vender histórias até que, meses mais tarde, Siegel teve a ideia de ressuscitar o “super-homem” e fazer dele um herói. Shuster desenhou e, “durante os anos seguintes, os dois brincaram com o conceito, até que ele tomou sua forma atualmente conhecida” (WELDON, 2016, p. 20-21).

2.3 “E assim foi criado...”

Na segunda tentativa, “super-homem” era um sujeito sem poderes mentais, grande e forte, mas ainda humano e usava uma regata justa e uma calça social, mas que ainda não era o que os editores estavam procurando. Entre 1933 e 1938, Siegel e Shuster utilizaram revistas pulp, a máquina de escrever e a prancha de desenho para “libertar um poder maior do que bombas, dar forma a um ideal” (MORRISON, 2012, p. 20), adaptando o Superman e transformando-o em um sucesso.

Para Robb (2017) e Weldon (2016), a identidade secreta do Superman surgiu por influência de personagens como Zorro e Sombra, a capa em uma ideia de transmitir mais velocidade para o super-herói e destacando como referência os quadrinhos de Flash Gordon e de artistas de circo para o restante do uniforme, embora Robb seja mais específico, identificando Siegmund Breibart, um judeu forte nascido na Polônia, como uma inspiração mais provável do circo.

O personagem ganharia ainda superforça, entretanto, mesmo naquela época, havia uma grande quantidade de figuras com essa habilidade, pelo menos até certo ponto, como Doc Savage, Popeye e John Carter, um terráqueo que em Marte tinha sua força intensificada (WELDON, 2016, p. 20-21). Superman teria ainda outro aspecto bastante semelhante a Carter, ainda que de forma invertida, ele viria do espaço, um extraterrestre que na Terra desenvolve uma força impressionante (WELDON, 2016, p. 29), um imigrante como as famílias de seus criadores.

Robb (2017, p. 43) destaca ainda um motivo mais pessoal para Jerry criar um “super-homem” herói, lutando pelo bem comum, uma tragédia familiar: Um assalto no brechó da família resultou na morte de seu pai na noite do dia 2 de junho de 1932:

Jerry Siegel teve as primeiras ideias sobre o Super-Homem nas semanas imediatamente após a morte do pai: não é de admirar que o então jovem de dezessete anos criasse uma figura fantasiosa de herói que fosse capaz de repelir balas e lutasse por verdade e justiça contra o submundo do crime. Embora a figura do “homem forte” na mitologia e nas lendas tenha sido um fator, talvez seja mais comovente ainda que este super-herói de repercussão mitológica tivesse tido sua origem na noite em que um rapaz solitário perdeu o pai (ROBB, 2017, p. 44).

O processo de criação do personagem não para no entusiasmo pelas revistas pulp. A semelhança com Cristo é evidente e mais que um “super” herói, ele é um filho único que veio à Terra para salvar a humanidade. Knowles (2008, p. 139-140) estabelece o Superman como o primeiro e mais popular arquétipo de Messias dos quadrinhos, um personagem puramente altruísta que, diferentemente da fé cristã, na qual se acredita no sacrifício de Jesus a um comprometimento pleno, graças ao reino mítico dos quadrinhos, não precisa ser ungido por Deus para salvar a humanidade.

A DC Comics acabou se interessando pelo Superman em 1937, oferecendo 13 páginas da tira principal de uma nova revista que seria publicada em 1938, *Action Comics*, recebendo menos de 10 dólares por página, totalizando cerca de 130 dólares e cedendo os direitos do personagem em troca de um contrato singular de dez anos que garantiria serviços extras (ROBB, 2017, p. 50).

Capítulo 3 - O Superman Clássico (1938 a 1985)

3.1 “...Superman!”

Figura 2 - Capa da *Action Comics* nº 1



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 5 de *Superman Crônicas Volume Um*

A capa da *Action Comics* nº 1 (junho de 1938) chama atenção. Nela, uma figura de força descomunal levanta e esmaga um fusca verde em uma rocha (figura 2). Ação! Estilhaços de vidro e pedaços de lataria reforçam que a força empregada pelo sujeito é enorme e, no impacto, um pneu é arremessado para longe. A tensão exercida em seus braços e pernas é tão clara quanto a movimentação e a velocidade que a capa vermelha transmite. Ao redor, homens desesperados correndo por suas vidas. Segundo Morrison (2012, p. 24), embora a ação fosse evidente, o leitor não sabia o que estava acontecendo: “Baseado apenas em sua primeira aparição, o extravagante musculoso poderia ser amigo ou inimigo”, e a única maneira de descobrir isso era lendo a revista.

A história começa com uma página dedicada à origem do homem da capa: “Enquanto um planeta distante era destruído devido à sua idade avançada, um cientista colocou seu bebê dentro de uma espaçonave construída às pressas, lançando-a em direção à Terra!”. É interessante observar que Krypton¹⁶ não foi

¹⁶ O nome do planeta natal do Superman (Kal-El) só seria definido em *Superman* nº 1 (junho de 1939).

mencionada, apenas “um planeta distante”. Encontrada por um motorista e levada para um orfanato, a criança se mostra um “Super-Bebê” e levanta uma cadeira sobre a cabeça com uma das mãos, enquanto os enfermeiros observam perplexos. “Quando a maturidade foi atingida, ele descobriu que podia facilmente: saltar 200 metros, sobre um prédio de 20 andares... Erguer pesos tremendos... Correr mais rápido do que um trem expresso... E que nada menos do que um morteiro poderia penetrar sua pele!”.

Não era suficiente, para Siegel e Shuster, que o Superman fosse mais forte e mais rápido que outros homens. Eles queriam mostrar que ele também era melhor que as máquinas construídas pelos homens. Em poucos números, ele seria mais veloz que um avião, por garantia (WELDON, 2016, p. 31).

De repente, no quadro seguinte, o nome e a motivação do personagem: “De início, Clark decidiu que deveria direcionar sua força titânica de forma a beneficiar a humanidade. E assim foi criado... Superman! ”. Lá está ele, o homem da capa. “Campeão dos oprimidos. A maravilha física que jurou dedicar sua existência a ajudar os necessitados!”¹⁷. A sequência traz um sobrenome e uma explicação científica para a força desproporcional do alienígena - “Kent veio de um planeta cuja estrutura física dos habitantes eram milhões de anos mais avançada que a nossa” -, em seguida comparando Clark com formigas que “podem suportar pesos centenas de vezes maiores que os seus” e gafanhotos que saltam “o que, para o homem, seria a distância de vários quarteirões”.

A sequência mostra o Homem de Aço¹⁸ carregando uma mulher amordaçada e com as mãos amarradas nas costas. “Finalmente chega à mansão do governador” e, fazendo um comentário irônico, ele larga a mulher em uma árvore: — “Fique à vontade! Não tenho tempo para cuidar disso”, já correndo. Ele bate na porta da casa e acorda o mordomo: — “Devo ver o governador. É uma questão de vida ou morte!”. O pedido é recusado, Superman então grita: — “Eu vou vê-lo agora!”, arrancando a porta e invadindo a residência. O mordomo saca uma arma e imediatamente é repreendido pelo “herói”: — “Guarda esse brinquedo”. Um tiro! “A bala ricocheteia na pele resistente do Superman”, que convence o governador de que uma mulher

¹⁷ Para Weldon (2016, p. 13), o altruísmo, essa motivação do Superman pode ser resumida em ele ser um herói (super), ou seja, um indivíduo que coloca as necessidades de outras pessoas acima das dele e nunca desiste.

¹⁸ Segundo Brian J. Robb (2017, p. 54), “Os cenários urbanos de Shuster mostravam arranha-céus gigantes, os novos ícones dos horizontes de Chicago e Nova York, e a fonte do apelido para o herói: o ‘Homem de Aço’”.

inocente, acusada de forma equivocada, seria executada. Ele vai embora, deixando um bilhete: “Vão encontrar a verdadeira assassina amarrada e entregue no jardim da sua mansão”. O fato acaba virando notícia, mas ele não é mencionado, exceto em uma reunião no gabinete do governador (figura 3).

Figura 3 – Gabinete do Governador



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 9 de *Superman Crônicas Volume Um*.

E então Clark Kent entra em cena. “Hércules sempre era Hércules. Agamenon e Perseu eram heróis do instante em que saltavam da cama até o fim do louco dia de batalhas, mas Superman era secretamente outra pessoa” (MORRISON, 2012, p. 26). Terno azul, óculos e chapéu marrom. Ele está indo “trabalhar no jornal em que atua como repórter”, o *Estrela Diária*. O nome mudaria sem muita explicação para *Planeta Diário* dois anos depois, em *Action Comics* nº 22 (março de 1940).

Na redação, um colega informa a Kent uma dica que acaba resultando na ação do Superman para salvar uma esposa sendo agredida pelo marido. Aqui, Siegel e Shuster introduzem, ainda que de forma sutil, uma motivação para a profissão escolhida pelo protagonista. Para Randall Jensen (2014, p. 168), o Superman da Era de Ouro não ter “todos os seus poderes desenvolvidos”, como superaudição, supervisão, voo ou superinteligência, fazia a figura do repórter Clark Kent necessária, para obter informações e saber quem precisa de ajuda, onde e quando.

Além disso, a maneira como ele atua sobre o marido agressor na cena seguinte mostra mais de sua personalidade. Ele chega e grita: — “Parado!”. Em

seguida, levanta o homem com uma das mãos e com esse presumivelmente rendido, anuncia: — “apelar é pouco perto do tratamento que vai receber!”. Externamente, Superman se mostra convicto de que possui um senso de justiça “superior”, agredindo e provocando o sujeito: — “Você não está enfrentando uma mulher agora!”.

David Gadon (2014, p. 116) aponta um ato de heroísmo de Kal-El em *Superman: The movie* (1978), quando ele “passa o resto da noite impedindo ladrões de joias e de bancos” como algo que seria possível resolver sem a sua ajuda. Envolvendo-se com esses assuntos, o Super-Homem estaria “essencialmente fazendo da humanidade um time de futebol americano sentado em um banco”, atrapalhando aspecto da evolução da humanidade. Nesse caso, ainda que o objetivo fosse utilizar sua força para fazer um exemplo, o Superman poderia apenas impedir as agressões e entregar o criminoso à polícia. Entretanto, muito diferente do Grande Escoteiro Azul¹⁹ que se tornaria posteriormente, ele se mostra nervoso, impaciente e briguento.

Figura 4 – Marido agressor desacordado



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 11 de *Superman Crônicas Volume Um*

¹⁹ Termo utilizado para se referir ao personagem devido a seu estrito código moral.

“Ouvindo sirenes da polícia, o Superman rapidamente veste roupas civis sobre o uniforme”. O quadro reforça a função da profissão de Clark Kent na vida do Superman (figura 4). Como repórter, sua presença em locais perigosos jamais seria questionada, permitindo não apenas obter informações, mas também se disfarçar, quando necessário, em situações em que estivesse sem alternativas. A cena também possui um importante valor histórico para o personagem. É a primeira vez que Kent usa o uniforme de Superman embaixo de suas roupas. Weldon (2016, p. 34) menciona que, sem esse conceito, “uma das imagens mais icônicas e mais repetidas do Homem de Aço, a de Clark Kent rasgando a camisa para revelar o escudo com o S, jamais teria existido”.

3.2 Clark, Lois e Superman

Até esse momento, Superman não se mostrava tão diferente de seu alter ego. De fato, como Clark Kent, observamos sua confiança e coragem em diversas oportunidades. Kent não demonstrou nenhum tipo de receio durante a conversa com seu editor²⁰ ou ao ir cobrir uma pauta que poderia ser perigosa, chegando a até mesmo “brincar” com um policial na cena de um crime. Entretanto, conforme ressaltado por Weldon (2016, p. 34), “Lois Lane entra na história e, assim, delineia para sempre um elemento-chave na personalidade de Clark Kent. Ou até 1986, pelo menos”, durante a reformulação do personagem de John Byrne.

Ainda em *Action Comics* nº 1, Lane entra em cena no quadro seguinte ao que Kent está inclinado sobre o marido agressor. O contraste nas atitudes do personagem fica, talvez por isso, ainda mais evidente. Shuster desenha o personagem com ombros desalinhados enquanto Siegel evidencia o seu nervosismo com um gaguejo: — “O q-que acharia de... Hã... Sair esta noite, Lois?”. Ela, sentada e sem demonstrar muita emoção responde: — “Acho que vou lhe dar uma chance... Pra variar”.

Mais tarde, os dois juntos dançam à noite em uma boate, quando são interrompidos por um criminoso chamado Butch Matson: — “Mandeir ir passear, é a minha vez!”, vocifera para Clark. “Relutantemente, Kent adere ao papel de um

²⁰ Embora introduzido em *Action Comics* nº 1 (junho de 1938), o personagem só teve seu nome revelado como George Taylor em *Superman* nº 2 (janeiro de 1939). O personagem acaba substituído pelo editor Perry White em *Superman* nº 7 (novembro de 1940).

fracote” e a Srta. Lane, que esperava uma postura firme e corajosa de seu acompanhante, decepcionada, anuncia que vai embora. Butch ordena que Lois dance com ele e goste. Ela imediatamente lhe presenteia com um tapa no rosto, um indício da Lois durona que ainda seria. Clark mostra-se assustado com sua atitude ao mesmo tempo em que a exalta em seu pensamento. Com a falta de coragem de seu acompanhante (nesse momento apanhando), ela vai embora: — “Você me perguntou mais cedo por que eu o evito. Agora vou lhe contar... Porque você é um covarde medroso e insuportável!”.

O fim da história mostra o episódio retratado na capa da revista: Butch e seus capangas sequestrando Lane, o carro verde partindo em velocidade e sendo “facilmente alcançado pelo Superman”. E, então, “o próprio carro, esmigalhado!”. Depois de lidar com os criminosos, Superman vai até Lois e diz: — “Não precisa ter medo de mim. Não vou feri-la”. Uma alça de seu vestido escorrega e ele a carrega nos braços pela cidade. Depois do episódio, Lois passou a tratar Clark com frieza e desprezo, afinal, mesmo se não considerarmos o episódio da boate, agora havia o Superman!

Morrison (2012, p. 27) explica que a história tornava difícil duvidar da baixa estima de Lois com Clark, que, embora fosse um repórter de destaque na cobertura policial e tivesse um bom apartamento no centro, sempre elaborava desculpas para esconder sua verdadeira identidade ou sempre que o Superman se fazia necessário.

A *Action Comics* nº 2 mostra um Super-Homem antibelicista enfrentando capangas do Emil Norvell, um magnata fabricante de munições. Decidido a mudar a mentalidade do empresário, ele o leva para o meio de uma zona de guerra em San Monte²¹. A revista mostra Clark trabalhando para o jornal Notícias Noturnas²² de Cleveland Ohio, Lois sendo condenada injustamente à execução por espionagem e seu “salvador galante”²³ entrando na frente das balas e tirando ela do perigo. A sequência dos acontecimentos mostra o protagonista “no meio da inquisição de um torturador”. Sua primeira ação é segurar o homem, que grita: — “Me solte! O que vai fazer?”. A resposta do Superman é dura: — “Lhe dar o destino que merece, seu demônio torturador!”, e demonstrando extrema frieza, os três quadros seguintes

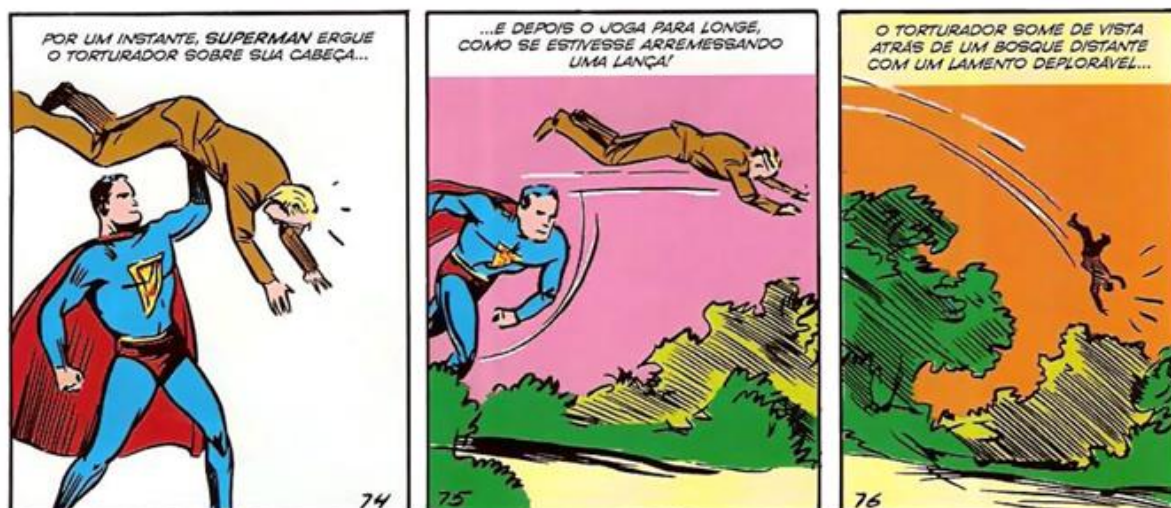
²¹ Uma república fictícia na América do Sul que estava em guerra.

²² Em *Action Comics* nº 1 Clark trabalhava para o jornal *Estrela Diária*. Para Weldon (2016, p. 42), isso seria um erro ou uma possível homenagem de Siegel e Shuster para o jornal de sua cidade natal.

²³ Termo utilizado pelo próprio Superman para se definir ao resgatar Lois em *Action Comics* nº 2.

(figura 5) mostram um possível assassinato, ainda que de forma amena e interpretativa:

Figura 5 – Superman arremessando o torturador

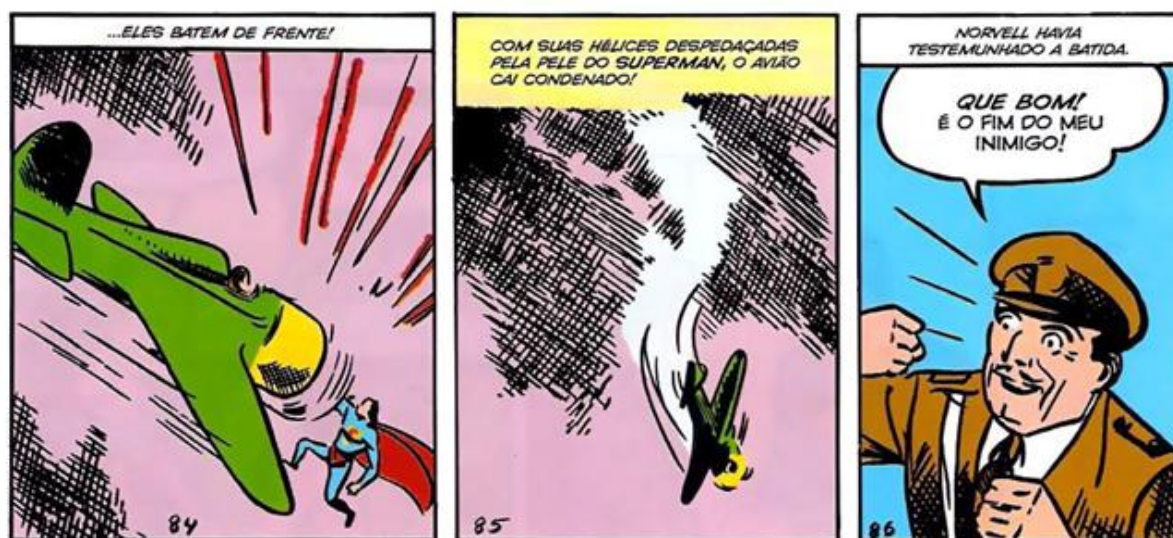


Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 29 de *Superman Crônicas Volume Um*

Depois de soltar os prisioneiros e se certificar de que Lois voltaria para os Estados Unidos da América, o Homem de aço decide ir conversar novamente com Norvell, mas encontra um “aviador sanguinário” atacando seu destacamento²⁴. O quadro seguinte mostra-o derrubando um avião militar (Figura 6). Embora a cena também seja sutil, o cenário não mostra nenhum paraquedas e o piloto aparentemente permanece na aeronave.

²⁴ Define-se destacamento como o grupo que se destaca das tropas a fim de realizar ação militar. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br> >. Acesso em: 09/04/2018.

Figura 6 – Superman derruba um avião militar



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 30 de *Superman Crônicas Volume Um*

Em seguida, ele sequestra os líderes dos dois exércitos em conflito: — “Decidi dar um fim nesta guerra colocando vocês dois para brigar”. Observando que nenhum dos homens lembra o que os levou à guerra, manifesta-se: — “Senhores, é óbvio que vocês têm lutado somente para promover a venda de munições!”, interrompendo a guerra.

Lane não aparece nos números 3 e 4 da *Action Comics*. A primeira história apresenta Clark atuando como repórter, investigando e fazendo perguntas em duas ocasiões diferentes e Superman dando uma lição em um empresário ganancioso que ignora medidas de segurança, e, na seguinte, expondo um treinador corrupto e ajudando um jogador de futebol americano a reconquistar sua namorada.

É importante lembrar que a história do Superman, como ressaltado por Vieira (1991, p. 12), foi criada em uma “América ainda deprimida pela crise de 1929 e angustiada pela proximidade da segunda Guerra Mundial, uma América sedenta por novos mitos e carente de seu próprio super-herói”. Entre a Grande Depressão e o início da Segunda Guerra Mundial, alienígenas e robôs não faziam muito sentido. Sobre a temática das primeiras histórias do Super-Homem, Knowles (2008, p. 23-24) explica que “ele lutava contra vilões que realmente preocupavam as pessoas naquela época: gângsters, políticos corruptos, fascistas e quem se aproveitava da guerra”.

Lois volta em outubro de 1938, na *Action Comics* nº 5, que também marca a primeira vez que o Homem de Aço aparece em seu uniforme completo.²⁵ O editor do *Estrela Diária* grita na redação à procura de Kent para tratar de uma pauta. Lane se manifesta querendo cuidar do caso, mas imediatamente é repreendida: — “Não posso! É importante demais! Este não é um trabalho para uma garota!”. O quadro seguinte a traz refletindo (figura 7): — “Não é trabalho para uma mulher, hein? Pois eu devia...” Decidida, ela parte para fazer a reportagem e, antes, engana Clark e o faz ir cobrir uma notícia falsa sobre o nascimento de sétuplos²⁶, resultando em sua demissão do jornal.

Figura 7 – Lois refletindo sobre a frase do editor



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 63 de *Superman Crônicas Volume Um*

O desenrolar dos quadros mostra Superman apostando uma corrida com um trem, uma represa se rompendo e o resgate de Lois, cujo carro foi arrastado pela água. Espantada, Lois grita: — “Você conseguiu! Salvou todas aquelas pessoas! Oh, eu poderia beijá-lo!”. E então, nesse terceiro encontro, ela o beija e, em seguida, se declara: — “Na primeira vez que me carregou assim, eu estava com medo... Assim como tive medo de você. Mas agora, eu amo... Assim como amo você!” Kal-El

²⁵ As botas vermelhas substituíram as meias azuis das edições anteriores.

²⁶ Define-se sétuplo como algo que vale sete vezes, ou que é sete vezes maior que outro. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br> >. Acesso em: 09/04/2018.

mostra certa indiferença e no último quadro, já readmitido no jornal, Clark desculpa Lois.

Action nº 6 repete o método, que, aos poucos, se mostra duradouro. Um vigarista finge ser o empresário do Superman e marca um horário para um repórter conhecer e entrevistar o herói. Kent é escolhido, mas Lane o convence a sair com ela antes de ir cobrir a matéria. O segundo encontro dos dois também acontece em uma boate e chegando lá, ela mistura um sonífero em sua bebida. No final da história, Lois e Superman desmascaram o vigarista, e ela novamente se mostra apaixonada. A história também apresenta um *office boy* sem nome e que mais tarde se tornaria Jimmy Olsen em *Superman* nº 13 (novembro de 1941).

A fórmula que seria utilizada por décadas se consolida em *Action Comics* nº 9. Em uma nova investida de seu colega, a Srta. Lane perde a paciência e grita: — “Clark Kent... EU O DESPREZO!”. O repórter então pergunta se existe outra pessoa. Ela confirma e em seguida completa: — “Ele é grande! É glorioso! É incrível! Ele é tudo que você não é! Corajoso, intrépido, bonito... Soberbo!... Superman!”. Clark vai embora e entra em uma sala vazia visivelmente desorientado. “Mas assim que a porta se fecha atrás dele, uma coisa espetacular ocorre...”, ele começa a gargalhar. Os elementos estavam todos no lugar. Lois desprezando Clark, que na verdade era o Superman, que ignorava Lois. Em sua interpretação do triângulo amoroso, Weldon (2016, p. 48) aponta que, na concepção de Shuster e Siegel, a ideia era projetar a S.rta Lane “como uma boba, alguém de quem Superman, e o leitor, ririam”. Weldon acrescenta ainda que:

Futuros escritores diriam que Superman resiste às investidas de Lois porque quer que ela o aceite como ele “realmente” é, o Clark. A óbvia falha desse raciocínio é que, na imaginação de Siegel e Shuster, Clark não é o lado “real” do Superman, ele é uma caricatura, um pateta, uma imitação grosseira de uma espécie que, evidentemente, considera fraca e ineficiente (WELDON, 2016, p. 48).

Nesse sentido, podemos destacar a análise de Quentin Tarantino sobre a “verdadeira” identidade do Superman no final do filme *Kill Bill Volume 2*. Durante um monólogo, Bill²⁷ diz para a Noiva²⁸ que é um grande fã de histórias em quadrinhos

²⁷ Interpretado pelo ator David Carradine, Bill, também conhecido como Snake Charmer, é o ex-líder do Esquadrão Assassino de Víboras Mortais (Deadly Viper Assassination Squad) e principal antagonista da série de filmes “Kill Bill”.

sobre super-heróis por achar a mitologia envolvida fascinante. De acordo com Bill, seu herói favorito, o Superman não possui uma grande HQ ou é essencialmente bem desenhado, mas possui uma mitologia que ele considera não apenas genial, mas única, e explica:

Todo mito de super-herói tem o herói e seu alter ego. Batman é Bruce Wayne. O Homem-Aranha é o Peter Parker. Quando acorda pela manhã, ele é Peter Parker. Precisa pôr uma roupa especial para virar o Homem-Aranha. E nesse quesito o Super-Homem se diferencia dos demais. O Super-Homem não virou o Super-Homem. Ele nasceu o Super-Homem. Quando ele acorda pela manhã, é o Super-Homem. O alter ego dele é o Clark Kent. Sua roupa com o S vermelho... É o cobertor no qual os Kent enrolaram o bebê quando o acharam. É a roupa dele. O que o Kent usa, os óculos, o terno, é um disfarce... que o Super-Homem usa para se passar por um de nós. O Clark Kent é como o Super-Homem nos vê. E quais são as características do Clark Kent? É fraco... É inseguro... É um covarde. O Clark Kent é uma crítica do Super-Homem à raça humana (KILL BILL Volume 2, 2004).

Dentro do conceito de Siegel e Shuster para o personagem, Clark Kent (o homem) é um disfarce que se complementa com a profissão de jornalista, que lhe permite certas vantagens e Superman quem ele realmente é. Clark não seria nem seu nome verdadeiro. Embora tenha a aparência física de um homem, Kal-El é um alienígena, não um ser humano. É indiferente que ele só tenha descoberto suas origens kryptonianas em Superman nº 61²⁹ (novembro de 1949), e, ainda se considerarmos que ele passou a maior parte da vida sem ter conhecimento de que não era um ser humano, Clark ainda não seria sua verdadeira identidade, mas sim seu alter ego.

Podemos considerar que Kal-El seria a verdadeira identidade do filho de Jor-El e Lara, em seu planeta Natal, Krypton, onde toda população teria uma estrutura corporal avançada e supostamente poderes como ele. Na Terra, onde qualquer homem ou mulher tinha uma estrutura milhões de anos menos desenvolvida que a dele e o próprio tamanho do planeta somado a um empuxo³⁰ gravitacional reduzido amplificava sua força, fazendo dele sempre alguém “Super”. Primeiro um “Super-Bebê” e depois um “Super-Homem”. Superman seria sua verdadeira identidade.

²⁸ Interpretada pela atriz Uma Thurman, a Noiva, também conhecida como Black Mamba ou Beatrix Kiddo, é uma ex-integrante do Esquadrão Assassino de Víboras Mortais (Deadly Viper Assassination Squad) e protagonista da série de filmes “Kill Bill”.

²⁹ Em *Superman* nº 61, Swami Riva, um feiticeiro vigarista consegue enfraquecer Superman com uma pedra de meteoro. Para evitar que a situação se repita, Superman passa da velocidade da luz, volta no tempo até seu passado, em Krypton, observa seus pais, Jor-El e Lara e aprende mais sobre a kryptonita.

³⁰ Define-se empuxo como a força que empurra ou propulsiona; impulsão, impulso. Disponível em: < michaelis.uol.com.br >. Acesso em: 09/04/2018.

Entretanto, ainda que seja possível fazer uma análise defendendo o pensamento de Glen Weldon e Quentin Tarantino sobre a figura de Clark Kent, também é possível dizer o contrário. Kent realmente se mostra inseguro, frágil e um covarde em diversas ocasiões, em especial quando Lois Lane está envolvida, mas isso acontece aos poucos e de forma pontual. A relutância inicial em assumir esse papel é evidente no quadro em que dança com Lane na *Action Comics* nº 1 e segue assim ainda que de maneira sutil nas histórias seguintes. Lane, enquanto personagem central na história, estaria quase sempre próxima de ambos, seja na redação do jornal, seja cobrindo alguma pauta. Nesse sentido, é interessante considerar que um disfarce era cada vez mais necessário conforme ele ficava exposto e conhecido, e adotar uma *persona* completamente contrária a do Superman fazia uma associação entre os dois ser improvável e no mínimo constrangedora.

Além disso, a personalidade adotada como disfarce por Kal-El servia como uma ferramenta de aproximação com o leitor, criava alívio cômico e ainda acabava por justificar e autorizar determinados comportamentos do herói. Em *Action Comics* nº 7, por exemplo, ele é definido como “Clarkinho”, coitado e submisso por colegas na redação e permite, em duas ocasiões diferentes, que um deles brinque com a sua gravata. Na primeira, embora Lois ache irritante o modo como Clark não faz nada, acaba ajudando e tirando ele daquela situação, e, pouco após, a segunda, como Superman, decide dar uma lição no colega e arranca suas roupas para diversão da redação.

3.3 Um Quadrinho exclusivo (1939)

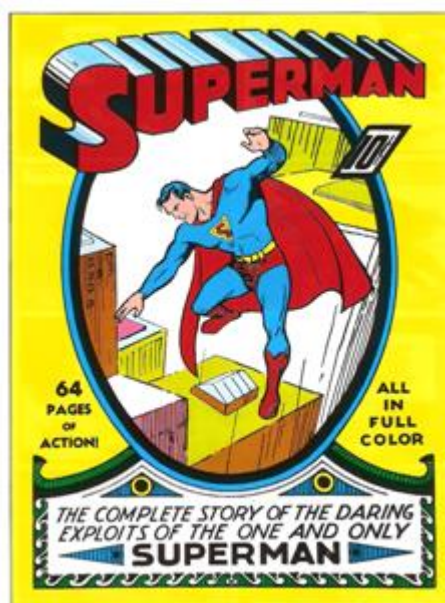
Desde o início, as histórias do Superman se mostraram um fenômeno. A primeira revista *Action Comics* vendeu cerca de 200 mil exemplares em semanas e um ano depois as vendas mensais mais que dobraram. Ainda que, conforme destacado por Brian J. Robb (2017, p. 52), “Nem os editores, nem os criadores do Super-Homem perceberam inicialmente como o personagem havia sido bem-sucedido”. Esta afirmação pode ser sustentada se observarmos que, após a *Action* nº 1, O Superman só apareceria na capa da edição nº 7, fato atribuído por Weldon (2016, p. 41) “mais ou menos ao tempo que os varejistas demoraram para informar a

editora de que a garotada ia às lojas em bandos implorando pela *Action Comics*. Não que pedissem pelo nome”.

Podemos atribuir o êxito do personagem a muitos fatores. A história reunia ficção científica, romance e ação. Para Weldon (2016, p. 40) destaca-se o fato de que Superman tinha uma dupla identidade e era muitas coisas sempre que precisava. Um alienígena forte que sempre estava disposto a trocar socos, arremessar carros, pular prédios e correr rápido, muito rápido, ou um cara fraco que deixava ser superado quando necessário. De acordo com Kleinert e Goida (2014), o sucesso do personagem pode ser explicado exatamente por essa dualidade:

Um sucesso que se explica na dualidade do personagem. O alter ego do Superman, o tímido e míope jornalista Clark Kent, no fundo resumia a frustração de quase todos nós, que sempre gostaríamos de ser alguém mais forte, poderoso e incrível brotando da nossa ‘casca’ diária. (KLEINERT; GOIDA, 2014, p. 435).

Figura 7 - Capa Superman nº 1



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 196 de *Superman Crônicas Volume Um*

A popularidade alcançada pelo personagem em 1938 em *Action Comics* permitiu, conforme destacado por Weldon (2016, p. 52), a realização de um “antigo sonho de Siegel e Shuster”. O dia 6 de janeiro de 1939 marcou a estreia de uma tira de jornal diária distribuída nacionalmente do Superman. Sobre essas tiras, Brian J. Robb (2017, p. 54) enfatiza que a ideia de vender o Super-Homem como uma tira de

jornal já tinha sido recusada repetidas vezes e que, “ironicamente”, a maior exposição do personagem ocorreu ali.

Em julho de 1939, Kal-El alcançou um feito inédito: Superman nº 1 (figura 8), um quadrinho exclusivo. Nele, “A história completa das ousadas aventuras do primeiro e único Super-Homem”³¹. Enquanto as tiras de jornal se aprofundaram um pouco mais na história de Krypton, a revista *Superman* introduziu a família Kent. Na realidade, conforme explicado por Weldon (2016, p. 50), tratava-se do “início original da história que Siegel e Shuster prepararam para a *Action Comics* nº 1, mas foram forçados a resumir para respeitar o formato de treze páginas da publicação”.

As duas primeiras páginas da revista introduzem a origem do Superman. “Pouco antes de o condenado planeta Krypton explodir, fragmentando-se, um cientista louco colocou seu filho ainda bebê dentro de um foguete experimental, lançando-o em direção à terra!”. O “planeta distante” de *Action* foi substituído por Krypton logo no primeiro quadro do quadrinho. Na descoberta do bebê, o motorista dá lugar a um casal de idosos, os Kent, e ele foi novamente entregue a um orfanato.

Entretanto, o casal não consegue “esquecer aquela doce criança” e a adota. “O amor e a orientação dos seus gentis pais adotivos iria se tornar um fator importante na formação do futuro do menino”. Durante sua criação, além de aconselhado a esconder seus poderes de modo a evitar assustar outras pessoas, ele foi ensinado que deveria na hora certa, “auxiliar a humanidade”.

O quadro de Clark descobrindo seus poderes foi praticamente idêntico ao publicado anteriormente, com exceção dos desenhos, agora privilegiados por um maior espaço. A grande diferença se dá na motivação do Homem de Aço. A explicação continua a mesma “Clark decidiu que devia usar sua força titânica de modos que beneficiariam a humanidade. E assim foi criado... Superman!”. Entretanto, uma imagem complementa a explicação e permite uma maior compreensão do contexto: Kent em frente da sepultura dos seus pais adotivos.

No decorrer da narrativa, nos deparamos com a revelação de como Clark conseguiu o emprego no *Estrela Diária*. Nenhuma formação acadêmica é mencionada, pelo contrário, o personagem revela em uma conversa com o editor do jornal que não possui “nenhuma experiência”, mas ainda assim, acha que “daria um bom repórter”. Stella Senra (1997, p. 47) afirma podemos buscar uma explicação

³¹ Minha tradução para *The complete story of the daring exploits of the one and only Superman*.

para a “ignorância associada ao jornalista” na ausência da exigência de uma formação prévia dos primeiros profissionais e na baixa extração social.

Dentro de um contexto onde o jornalista deve fazer um relato fiel, preciso e objetivo dos fatos, Senra explica que o que poderia ser uma “deficiência, viria a se tornar um dos trunfos mais valiosos na construção da imagem do jornalista” (SENRA, 1997, p. 47). O desconhecimento seria uma garantia de um “estado de ‘inocência’ diante do mundo, de uma ‘virgindade’ da percepção capaz de assegurar o padrão de registro buscado pelos jornais” (SENRA, 1997, p. 48).

Kent não consegue o emprego de imediato. “Desculpe, rapaz! Não tenho uso para você!”. O quadro seguinte apresenta as motivações profissionais e interesse do Superman em ser um jornalista, quase como se tentasse justificar o que viria a seguir: — “No jornal, receberei as notícias prontamente e estarei numa posição melhor para ajudar as pessoas. Preciso conseguir aquele emprego!”.

Superman então usa seus poderes para pular ao lado da janela do editor, escuta uma pauta sobre uma multidão atacando a prisão da cidade, parte para o local e impede o linchamento de um preso. No quadro seguinte, uma atitude um tanto curiosa do herói. Indagado pelo xerife sobre quem ele era, responde usando o traje do Superman: “Um repórter”, como se isso explicasse tudo (figura 9).

Figura 8 – Um repórter



O detento fica agradecido e convenientemente decide contar uma história. Os acontecimentos seguintes revelam que uma cantora o incriminou, agora preso injustamente, e uma mulher, que seria eletrocutada em algumas horas. Clark telefona para o editor, explica sobre a tentativa de linchamento e consegue o emprego.

Em seguida, ele parte em direção à boate para investigar o assunto e como Superman se mostra novamente impaciente, obrigando a moça a assinar uma confissão apertando seu braço, e afirma: — “O governador ficará interessado em ouvir o que você tem a dizer!”. Com ela no colo e amarrada, pula a janela e parte: — “Não temos muito tempo!”. O quadro seguinte em diante mostra a história da *Action Comics* nº 1 e, depois, a revista apresenta integralmente os acontecimentos da *Action* n. 2 e 3, acrescentando uma página com a imagem de Krypton e a explicação dos poderes kryptonianos, o planeta dos “Super-Homens!”.

Vigilante, patriota, símbolo e mito. O Homem de aço passaria por muitas mudanças ao longo dos anos, inclusive acerca de quem seria seu alter ego e suas motivações profissionais. Inicialmente um vigilante misterioso, Superman foi aos poucos adotando atitudes um pouco mais moderadas com criminosos e se aproximando mais do conceito do herói que conhecemos hoje, passando inclusive a trabalhar em conjunto com as autoridades. Brian J. Robb aponta uma justificativa para o início dessas mudanças:

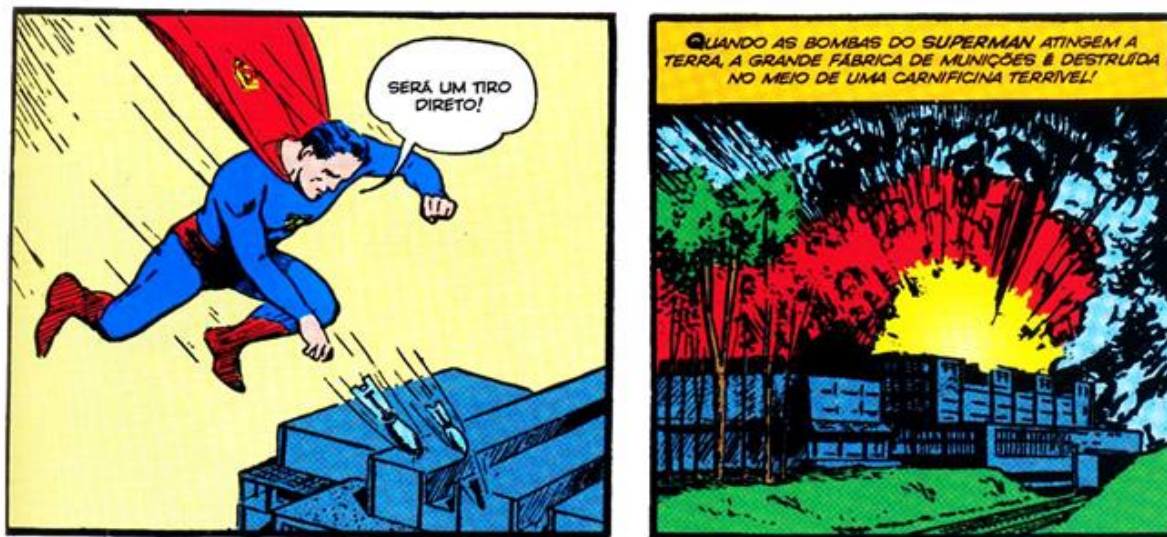
Com o sucesso do personagem na *Action Comics* e na tira de jornal, os executivos da DC Comics rapidamente desenvolveram um código de conduta mais heroico para o Super-Homem. Com um público em sua maioria jovem e impressionável agora acompanhando as aventuras, ficou decidido que ele jamais mataria ou seria responsável pela morte de outros, não importando a provocação. O personagem se tornaria um bem valioso, que deveria ser protegido a todo custo - e isso incluía ser protegido dos imitadores, bem como de seus criadores (ROBB, 2017, P. 55).

Entretanto, podemos considerar que esse código não foi implementado de imediato nas revistas do personagem. Em Superman nº 2 (setembro de 1939), por exemplo, Superman rastreia a fórmula roubada do gás mais mortal já criado e suas investigações o levam para Borávia³², um pequeno país em uma guerra civil sem sentido. Inconformado com as “mulheres e crianças indefesas” que estão sendo

³² País fictício apresentado na história sem maiores detalhes acerca de sua localização ou regime político.

mortas, Superman pega algumas bombas aéreas, salta e diz: — “Será um tiro direto!”, sem demonstrar qualquer hesitação, soltando as bombas (figura 10).

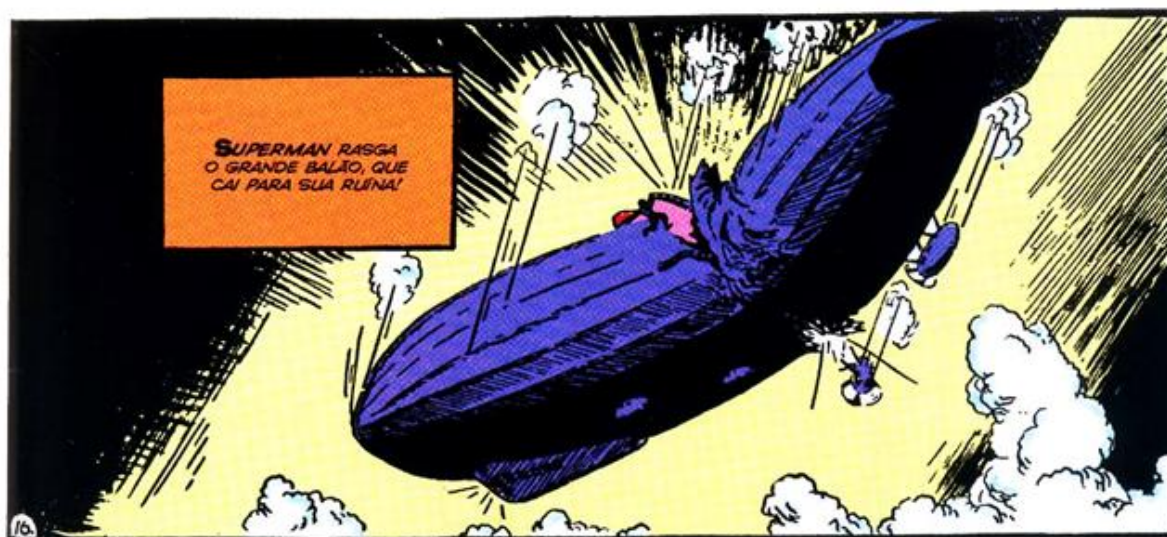
Figura 9 – Superman arremessa bombas aéreas



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 79 de *Superman Crônicas Volume Dois*

Em seguida, um dirigível de um dos exércitos que estava próximo se desvia na direção de Kal-El, “determinado a eliminá-lo”. O quadro seguinte faz questão de informar ao leitor que a “batalha fantástica é travada muito acima da terra” e, após isso, arrastando-se no topo da aeronave “Superman rasga o grande balão, que cai para sua ruína!” (figura 11).

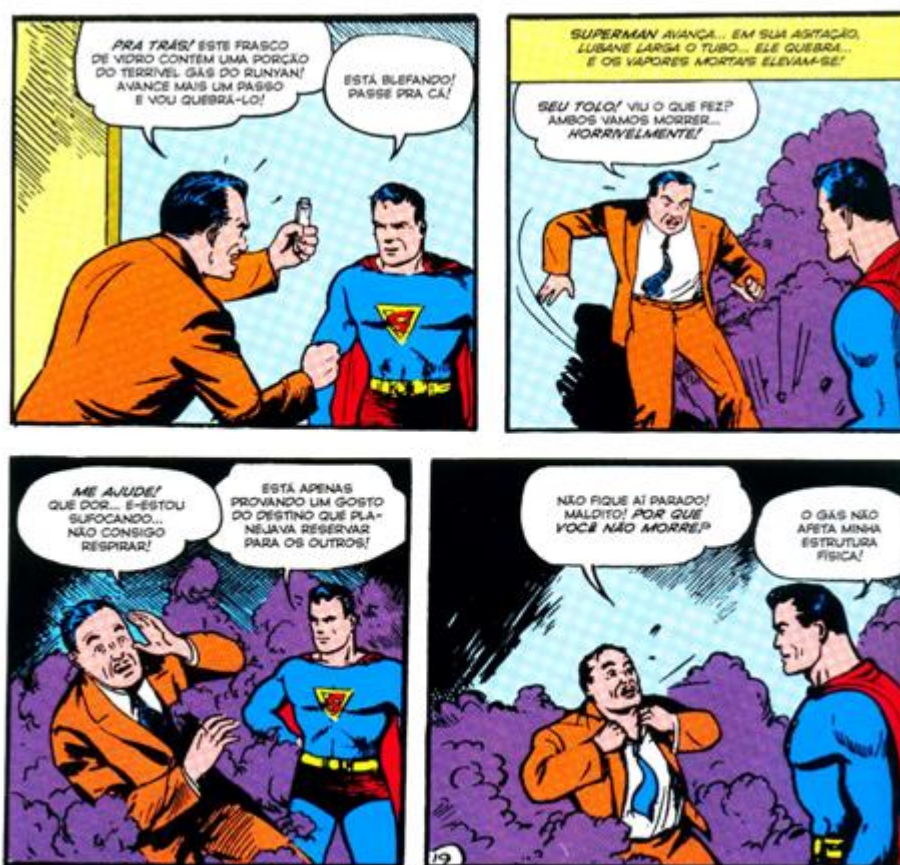
Figura 10 – Superman rasga balão



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 79 de *Superman Crônicas Volume Dois*

A narrativa prossegue sem qualquer notícia sobre possíveis mortos ou sobreviventes, apresentando na sequência o herói descobrindo que a fórmula está com Lugane, um criminoso e “magnata das munições”. Chegando ao esconderijo do homem, ele é ameaçado: — “Para trás! Este frasco de vidro contém uma porção do terrível gás do Runyan!³³ Avance mais um passo e vou quebrá-lo!”. Superman acredita que se trata de um blefe, ignora os avisos e avança sobre o malfeitor assustado, que acaba derrubando o frasco (Figura 12).

Figura 11 – Superman assusta Lugane, que derruba frasco



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 82 de *Superman Crônicas Volume Dois*

Sufocando e desesperado, Lugane pede ajuda e percebendo que não a teria, questiona por que Superman não é afetado, e este, com um sorriso, explica que o

³³ Adolphus Runyan foi um professor apresentado na história como o inventor do gás mortal. Ele acabou sendo morto por um grupo de “chantagistas internacionais” que se revelaram assassinos e capangas de Lugane.

gás não tem efeito em sua estrutura física. O quadro seguinte (figura 13) é ainda mais assustador e percebemos que ele não possui nenhum arrependimento em não salvar a vida do sujeito, sendo de certa forma responsável por sua morte. Além disso, durante sua trajetória “profissional”, Superman acabaria provando que existem exceções para a regra de jamais matar. Podemos citar quando ele mata o ex general militar Zod e outros dois criminosos kryptonianos em Superman nº 2 (outubro de 1988).

Figura 12 – Superman sorri e assiste Lugane morrer



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 82 de *Superman Crônicas Volume Dois*

3.4 Do primeiro supervilão ao inimigo nº 1

Segundo Weldon (2016),

Aos poucos, Siegel e Shuster começaram a incluir cada vez mais conceitos de ficção científica às histórias. Ver o herói arremessar mafiosos para todo lado era divertido, e ainda era excitante quando as balas ricocheteavam naquele grande S vermelho, mas era hora de elevar o padrão, dar ao Superman algo que ele nunca havia enfrentado: um desafio. É por isso que, um ano depois da estreia, Superman enfrentou seu primeiro - e falando mais precisamente, o primeiro - *supervilão*, um cientista brilhante conhecido apenas como Ultra-Humanoide. (Para criar o oposto do Superman, Siegel não teve que ir muito além do dicionário mais próximo: super=ultra, homem=humano (WELDON, 2016, p. 66).

Em *Action Comics* nº 13 (junho de 1939), o táxi que Clark tomou para ir para o trabalho é “atingido deliberadamente por outro táxi”. Ele questiona seu motorista, que diz se tratar de um piloto rival membro da Liga Protetora dos Táxis, uma organização que está extorquindo taxistas em troca de uma suposta proteção. Decidido a derrubar essa “armação”, Superman começa a investigar a situação e encontra um gângster ameaçando um empresário e sua companhia. Após algumas cenas de ação, o responsável pela organização é revelado: o Ultra-Humanoide.

O vilão se descreve como o homem mais inteligente da Terra e, em seguida, tenta matar o Homem de Aço de diversas maneiras. Primeiro, com uma corrente de eletricidade e, depois, com ele desmaiado, com uma grande serra, que se quebra, e, por último, colocando fogo em seu esconderijo. Superman acorda e escapa pouco antes do fogo poder matá-lo, mas Ultra foge.

A situação iria persistir assim por seis meses, com Superman lidando com algum empreendimento maligno de Ultra e ele escapando. Em *Action Comics* nº 19 (dezembro de 1939), o vilão não foge e uma arma que usaria contra Superman acaba explodindo e tirando-lhe a vida. Entretanto, seu cérebro maléfico sobrevive e ele confronta Clark novamente em *Action Comics* n. 20 (janeiro de 1940), no corpo de Dolores Winters, uma atriz de cinema de Hollywood. Ao perceber que não poderia vencer, Ultra se joga na cratera de um vulcão e desaparece³⁴.

Só dois meses depois de o Ultra-Humanoide cometer suicídio na lava, o personagem que se tornará o maior inimigo do Superman entra em cena. Em muitos aspectos, o Ultra-Humanoide foi um primeiro esboço de Luthor; ambos eram cientistas malucos, e os dois são equipados com o pacote básico de motivação desse tipo: o desejo de dominar o mundo. Mas Ultra era todo ódio sibilante e gritos de vingança com olhos arregalados, e as primeiras aparições de Luthor foram marcadas por seu intelecto glacial, desdenhoso. Se Ultra era um cientista *maluco*, Luthor era um *cientista* *maluco* (WELDON, 2016, p. 68).

Na *Action Comics* nº 23 (abril de 1940), Clark e Lois estão atuando como correspondentes de guerra do Planeta Diário entre dois países fictícios, Galonia e Toran em uma continuação da *Action* nº 22 (março de 1940). Paralelamente a isso, Superman tenta resolver o conflito e impedir a guerra, descobrindo mais tarde que a

³⁴ O personagem acabaria retornando em junho de 1983, na revista *All-Star Squadron* nº 22.

situação persiste por culpa de Lex Luthor³⁵, definido na história como um cientista extremamente inteligente. Cenas de ação e uma queda de um dirigível declaram o fim de Luthor e embora o personagem não morra realmente, a situação seria comum em suas primeiras aparições, lembrando as histórias em que o herói enfrenta Ultra.

O personagem acrescentou uma nova dinâmica nas histórias do Superman e, agora, além de enfrentar bandidos, parar guerras e salvar Lois, ele teria que lidar com Luthor e suas invenções. Em *Superman* nº 4 (março de 1940), Lex propõe uma trégua temporária a Kal-El: — “Eis minha proposta... E meu desafio! Se seus músculos conseguirem superar meus feitos científicos, reconhecerei minha derrota. Mas, se eu o derrotar, você vai se aposentar e deixar o caminho livre para mim!”.

Superman aceita e em seguida disputa uma corrida contra “superaviões”, cruzando continentes e oceanos ao redor do mundo. Na sequência, supera um equipamento elétrico e a força da eletricidade para levantar uma rocha gigantesca e um avião ao mesmo tempo e, por fim, em um teste de resistência, escapa ileso de uma granada, um tiro de canhão e da fumaça de um gás venenoso. Mais tarde, Clark descobre que aquilo não passava de uma distração para os capangas de Luthor roubarem do exército americano uma arma capaz de provocar terremotos. Imediatamente ele parte e destrói o dispositivo.

Em outra história na mesma edição (*Superman* nº 4), Lex cria uma cidade pré no submerso de um continente perdido próximo à Costa do Pacífico³⁶, recriando dinossauros e outros “monstros” pré-históricos, que ele planeja usar para atacar o continente. O vilão acaba mais uma vez derrotado e a cidade destruída. “A presença de Luthor deu a Siegel e Shuster licença para criar voos mais arrojados e grandiosos da mais pura fantasia e ficção científica” (WELDON, 2016, p. 68).

O personagem seria o responsável pela Grande Depressão em *Superman* nº 5 (junho de 1940). Na história, uma “inesperada onda de desemprego assola o país quando milhões passam fome, os negócios se estagnam e os Estados Unidos enfrentam a maior depressão de sua história!”, e, em busca de respostas, Clark começa a entrevistar empresários pela cidade, encontrando o mesmo cheiro de incenso em todos eles.

³⁵ Anteriormente conhecido apenas por seu sobrenome, Lex Luthor teria suas origens e primeiro nome revelados em *Adventure Comics* nº 271 (abril de 1960).

³⁶ Costa do Pacífico designa os estados do oeste dos Estados Unidos da América banhados pelo Oceano Pacífico.

Mais tarde, investigando o cheiro, descobre que Lex está utilizando uma droga para controlar esses homens e manipular preços de ações para provocar a crise. O Homem de Aço frustra seus planos e impede sua fuga, acertando o avião em que ele tentava fugir. “É o fim de Luthor!”, declara. Mas o personagem apareceria de forma recorrente ao longo dos anos, se tornando o inimigo nº 1 do Superman.

3.5 O pós Siegel/Shuster e pré John Byrne

Em abril de 1947, Jerry Siegel e Joe Shuster estavam infelizes com a DC e o conhecimento que o contrato com a empresa acabava em 1948, acrescido à indignação crescente dos dois em relação à decisão de ter vendido os direitos do Superman por apenas 130 dólares, levou a um processo para recuperar o controle do personagem e receber uma indenização de 5 milhões de dólares (ROBB, 2017, p. 99). Na época, o tribunal decidiu que eles ainda tinham direitos sobre o Superboy³⁷, considerando-o um personagem diferente, sugerindo que as partes entrassem em acordo, 100 mil dólares devorados pelos “custos legais” (WELDON, 2016, p. 68).

A era pós-Jerry e Joe acabou sendo oficializada em *Superman* nº 53 (agosto de 1948), uma história escrita por Bill Finger³⁸ e desenhada por Wayne Boring³⁹, recontando a origem do Homem de Aço em comemoração a seu décimo aniversário. A revista começa com uma carta aberta escrita por Lois Lane para os fãs e amigos do Super-Homem. Ela destaca momentos vividos pelo herói desde sua primeira aparição em *Actions Comics* nº 1, justificando que ele mesmo não poderia comentar os fatos por conta de sua humildade.

Na página seguinte, a fórmula consolidada por Siegel e Shuster: Superman mostrando quadro a quadro suas habilidades. O Superman de Boring é diferente, mais alto e de ombros altos. Na sequência, Jor-El, descrito como um renomado cientista kryptoniano sendo ridicularizado por um conselho “político” enquanto relata uma provável destruição do planeta por conta de um núcleo de urânio instável. Sua mulher, Lara, segurando um bebê no colo se recusa a partir em um pequeno foguete

³⁷ Introduzido na revista *More Fun Comics* nº 101 (janeiro de 1945), Superboy é uma versão mais jovem do Superman.

³⁸ Escritor e cocriador do Batman ao lado de Bob Kane. Considerado para muitos o melhor roteirista que a série já teve, criou o Robin para completar a chamada “dupla dinâmica” e principal responsável pela grande dimensão das histórias do personagem na década de 40 (KLEINERT; GOIDA, 2014, p. 160).

³⁹ Foi o responsável por dar um visual mais futurista para o Superman no final da década de 40, afastando-se do personagem em 1968 para tornar-se assistente de Hal Foster em *O príncipe valente*.

e o marido e Kal-El partem sozinhos. Krypton explode e o foguete cai na Terra, onde os Kent, definidos na história como agricultores, encontram e adotam o bebê, Clark Kent, que se mostra especial. Na última página, o Sr. Kent, morrendo, pede para o filho usar seus poderes com responsabilidade. Ele vira um jornalista para se manter informado e atuar como Superman para salvar as pessoas.

3.5.1 As iniciais de Lois Lane em outra garota

Na décima edição da revista *Superboy* (outubro de 1950), o leitor descobre que, quando jovem, Superman tinha outra “mulher” em sua vida com as mesmas iniciais de Lois Lane. Personagem criada por Bill Finger, Lana Lang, a vizinha da família Kent e responsável por algumas dores de cabeça do herói. Na história, sempre que algo acontece em Smallville⁴⁰ e Clark precisa agir, Lana está por perto, dificultando sua transformação em Superboy.

Eventualmente, os pais de Lang, precisam viajar para a África a trabalho, para coletar animais para zoológicos e ela acaba ficando na casa da família Kent. Aos poucos, o convívio com Clark a faz começar a suspeitar que ele e Superboy são na verdade a mesma pessoa, e o restante da história mostra uma série de tentativas para provar que estava certa.

A personagem, que seria uma espécie de rival da S.rta Lane até a década de 80, se tornaria uma jornalista correspondente na Europa em *Superman's Girl Friend Lois Lane* nº 109 (abril de 1971) e trabalharia ao lado de Clark em *Superman* nº 317 (novembro de 1977), além de rivalizar com Lois no relacionamento Clark/Superman.

3.5.2 Os filhos de Krypton

Durante a década de 1950, o Superman com força limitada de Siegel e Shuster tinha ficado para trás, e, com o passar do tempo, as habilidades do herói alcançaram níveis desproporcionais e ele se tornou uma divindade. Com um roteiro cada vez mais restrito, apresentar novas possibilidades era inevitável, ainda que isso significasse alterar a mitologia do herói. As coisas estavam para mudar para o “último filho de Krypton”.

⁴⁰ Definida como o lar da família Kent e onde o jovem Clark cresceu, Smallville é uma cidade fictícia do Kansas introduzida em *Superboy* nº 2 (maio de 1949). No Brasil é popularmente conhecida como Pequenópolis.

O prelúdio desse processo foi a revista *Adventure Comics* nº 210 (março de 1955). Em uma história cotidiana em Smallville, Superboy encontra um cão branco que exibe poderes como ele e enquanto investiga, acaba encontrando um foguete de Krypton com uma carta reveladora sobre seu passado. O supercão chama-se Krypto, seu próprio animal de estimação, enviado por seu pai, Jor-El, como um teste para uma possível futura viagem a Terra. Lidar com as travessuras do cachorro ao mesmo tempo em que mantém uma identidade secreta se mostra difícil. Eventualmente, o animal parte para explorar o espaço e Kal-El, agora livre de complicações, se lamenta pela partida do amigo.

A edição de junho de 1958 da *Action* (nº 242) expande ainda mais o universo kryptoniano quando Brainiac⁴¹, um alienígena careca, de pele verde, que viaja pela galáxia em um disco voador encolhendo cidades e colocando-as em jarros fechados, parte para a Terra. O vilão acaba reduzindo cidades como Paris, Roma, Nova Iorque e Metrópolis, onde estava o herói.

Entretanto, embora em tamanho reduzido e preso a uma cidade engarrafada, Superman continuava com suas habilidades, se liberta e encontra a “Cidade Engarrafada de Kandor”, antiga capital de Krypton. Em Kandor, um cientista chamado Kimda fornece instruções para operar um equipamento da nave com capacidade de reverter as cidades ao tamanho normal.

Mais tarde, aproveitando-se que Brainiac, satisfeito com suas novas “aquisições”, tinha entrado em um estado de hibernação de um século, restaura o tamanho normal de todas as cidades da Terra. O herói então percebe que o mecanismo só teria energia suficiente para apenas mais um uso, decide se sacrificar pelo bem de Kandor. Nesse momento, percebendo sua intenção, Kimda usa a carga final em Kal-El, afirmando que a Terra não pode ficar sem ele.

O último quadro da história mostra Superman em sua Fortaleza da Solidão⁴² ao lado de Kandor em um momento de reflexão: — “A miniatura da cidade de krypton ficará segura aqui! Talvez eu encontre uma maneira de restaurá-la ao tamanho

⁴¹ Na aventura, Brainiac é acompanhado por, um macaco espacial com antenas na cabeça, Koko, seu animal de estimação e personagem descontinuado da história a partir de 1986.

⁴² *Superman* nº 17 (julho de 1942) introduz uma Cidadela Secreta (Secret Citadel) localizada no topo de uma montanha nos arredores de Metrópolis, para Superman guardar armas de vilões e como um local de treino. O local foi reintroduzido na história em *Action Comics* nº 241 (junho de 1958) como uma área no Ártico e com o nome Fortaleza da Solidão (Fortress of Solitude).

normal... E viver com meu povo novamente... Um dia? Quem sabe?"⁴³. Superman não estava mais sozinho e a cidade seria fonte de diversas aventuras e inimigos nos anos seguintes. O novo período do personagem até a década de 70 seria marcado mais e mais por uma saudade do personagem de seu lar (WELDON, 2016, p. 68).

Em *Action Comics* nº 252 (maio de 1959), quase um ano depois da primeira aparição de Kandor, a Terra ganharia mais um kryptoniano. Na trama, Superman investiga um foguete muito parecido com o dele que colidiu em uma área deserta não identificada há poucos segundos, onde encontra Kara, uma adolescente loira com roupas e poderes como os dele.

A Supergirl revela que, na explosão de Krypton sua cidade, Argo City acabou se desprendendo e sendo lançada no espaço, onde os habitantes viveram novamente até enfrentar uma chuva de meteoros que, ao perfurar o solo da "cidade-ilha", expôs todos à ação da radiação da kryptonita. Como último recurso, seu pai, um cientista, enviou a menina em um foguete pelo espaço em direção a um local habitável.

Superman afirma que foi exatamente o que seu pai, Jor-El, fez com ele ainda bebê, e Kara, espantada, afirma que seu pai era Zor-El, irmão de Jor-El. Embora afirme que iria cuidar da prima como um irmão mais velho, ironicamente, para proteger sua identidade secreta decide que ela deve assumir uma identidade secreta (Linda Lee)⁴⁴ e ser criada em um orfanato na cidade de Midvale.

Capítulo 4 - Origens modernizadas

4.1 O que aconteceu com o Homem do Amanhã? (1986)

A 12ª e última edição do crossover⁴⁵ *Crise nas Infinitas Terras*⁴⁶ (março de 1986) oferecia uma oportunidade de reformulação no universo DC e John Byrne⁴⁷

⁴³ Minha tradução para: *The miniature krypton city will keep safely here! Perhaps I'll find a way to restore it to normal size... And live with my people again... Someday? Who knows?*

⁴⁴ A personagem teria sua verdadeira identidade revelada em *Action Comics* nº 285 (fevereiro de 1962).

⁴⁵ Evento fictício em que dois ou mais personagens de universos distintos se juntam.

⁴⁶ Na série, um supervilão chamado Antimonitor começa a eliminar os universos alternativos da DC (criados para justificar problemas de continuidade ao longo dos anos, resultando em um único universo, com apenas uma versão do Superman, embora com mais versões de outros super-heróis).

⁴⁷ Além de promover mudanças radicais na mitologia do Superman entre 1986 e 1988, Byrne foi o responsável pela arte da revista dos *X-Men* entre 1977 e 1981. Autor de sagas como *Proteus*, *Fênix negra* e *Dias de um futuro esquecido*, foi artista fixo do *Quarteto Fantástico* (1981-1986), escreveu e desenhou *Hulk* (1985) e *X-Men: Anos Incríveis* (1999). Dentre outras HQs de relevo para a Marvel destacam-se dentre outras *Space*: 1999,

havia sido escolhido para escrever e desenhar a história do Superman, criando uma nova origem e desenvolvendo o personagem do zero, começando com a minissérie *The Man of Steel* (entre julho e agosto de 1986). Coube ao editor do Superman desde 1971, Julius Schwartz⁴⁸, encerrar a era de bronze do personagem com uma história imaginária (e não são todas?), a “última” do personagem:

É por isso que a história imaginária se tornou parte tão importante da era de prata, o apelo intrínseco a oferecer um fim, qualquer fim, para uma narrativa que foi criada para durar eternamente. Aqui, Schwartz decidiu, havia uma chance para cortar o fio da narrativa que Siegel e Shuster começaram a fiar em seus quartos em Cleveland anos atrás (WELDON, 2016, p. 253).

Em sua autobiografia, *Man of Two Worlds: My life in science fiction and comics*, Schwartz conta o que pensou em colocar em suas duas últimas edições como editor do Superman, após mais de seiscentas histórias relacionadas ao personagem:

Decidi que tinha que fazê-lo sair com um estrondo, e também decidi abordá-lo como se fosse a última história a sair e cabia a mim dar fechamento em acontecimentos dos anos anteriores. Superman chegou a se casar com Lois? Ele morreu? E a Liga da Justiça? O que aconteceu com os vilões - Luthor, Toyman, Brainiac, etc? E seus amigos Jimmy Olsen, Perry White e Lana Lang? Eu precisava concluir essas questões⁴⁹ (SCHWARTZ, 2000, p. 148-149).

A escolha do escritor era de extrema importância e, ainda segundo sua autobiografia, Schwartz (2000, p. 149) pensou quase que imediatamente em Jerry Siegel, cocriador do personagem. “Realmente, havia apenas uma escolha: o criador original, Jerry Siegel, o homem que havia começado tudo lá atrás”⁵⁰. É interessante

Indiana Jones, Capitão América, Mulher-Hulk, The Last Galactus History, The Lost Generation, Homem de Ferro, Estigma, Homem-Aranha: gênese e para a DC Batman, Patrulha do destino, Novos deuses, Liga da Justiça, Lendas, Mulher-Maravilha, OMAC, Blood of Demon e Lab Rats. (KLEINERT; GOIDA, 2014, p. 75).

⁴⁸ Respeitado editor de comic books nos Estados Unidos e fanático da ficção científica, Julius Schwartz (1915-2004), fundou junto com Mort Weisinger, em 1932, um dos primeiros fanzines sobre o assunto, *The Time Traveller*. Em 1944, na DC Comics foi responsável pela edição de *Sensation*, *All-Star*, *Flash*, *Lanterna Verde*, *Mystery in Space* e *Strange Adventures*. Em 1964, encarregado da edição de *Batman* e além de outras coisas, coube também ao Schwartz a representação de *Capitão Marvel* em 1973 (KLEINERT; GOIDA, 2014, p. 427).

⁴⁹ Minha tradução para: *I decided that I had to have him go out with a bang, and I also decided to approach it as if she entire series was going to come to an end and that all of those threads needed to be resolved. Did Superman ever marry Lois? Did he die? What about the Justice League? What happened to the villains-Luthor, Toyman, Brainiac, etc? How about his friends Jimmy Olsen, Perry White, and Lana Lang? All of these questions would have to be resolved.*

⁵⁰ Minha tradução para: *Really, there was only one choice: the original creator, Jerry Siegel, the man who had started it all way back then.*

observar que Siegel já havia feito algo parecido no Superman nº 149⁵¹, em novembro de 1961:

Ele aceitou imediatamente. Então um problema nos impediu de avançar. Jerry teria que assinar um contrato de trabalho para ser pago, e isso era algo que ele havia prometido a seu cunhado (que era um advogado) nunca fazer novamente após ter perdido todos os direitos para os personagens do Superman anos atrás quando assinou um contrato para a primeira história do Superman na *Action Comics* em 1938⁵² (SCHWARTZ, 2000, p. 149).

Segundo Weldon (2016, p. 254), a situação traduzia-se em “Siegel pediu mais dinheiro do que a DC estava disposta a pagar” (2013, p. 254) e, de acordo com Schwartz (2000, p. 150), seu escritor acabou sendo definido na manhã seguinte, quando, durante uma conversa, Alan Moore pulou da cadeira, colocou as mãos em seu pescoço e disse: — “Se deixar alguém além de mim escrever essa história, eu te mato”⁵³. Curt Swan⁵⁴ seria o desenhista e a finalização da arte seria dividida entre George Perez⁵⁵ e Kurt Schaffenberger⁵⁶.

Publicada originalmente em 2 partes, ambas lançadas em setembro de 1986 em Superman nº 423 e *Action Comics* nº 583, *Whatever Happened to the Man of Tomorrow?* se passa dez anos depois do desaparecimento e suposta morte do Homem do Amanhã. Tim Crane, um repórter do *Planeta Diário*, toca a campanha da Sr.a Elliot, uma antiga conhecida do Superman: — “Hã, com licença... Srta. Lois Lane? Lois responde: — “Agora é Sra. Lois Elliot. Seja como for, entre...”. Logo

⁵¹ Em uma história imaginária, Luthor acaba descobrindo a cura para o câncer enquanto cumpria pena em uma prisão e após se mostrar arrependido dos crimes do passado, consegue a condicional. Entretanto, tudo não passava de um plano do vilão, que, após conquistar a confiança do Superman e deixar sua guarda baixa, o mata usando raios de kryptonita. Supergirl assume o lugar do primo e ao lado de Krypto, prende Lex novamente.

⁵² Minha tradução para: *He immediately accepted. Then we hit stumbling block. Jerry would have to sign a work for hire in order to get paid, and this was something that he had promised his brother in law (who was a lawyer) he would never do again having lost all rights to the Superman characters all those years ago when he signed a work for hire agreement for the first Superman story in Action Comics back in 1938.*

⁵³ Minha tradução para: *At that point he literally leaped out of his chair, reached across the table, put his hand around my neck, and said, "If you let anybody but me write that story, I'll kill you!"*

⁵⁴ O desenhista foi responsável pela assinatura visual do Superman entre 1960 e começo dos anos 1980, com um personagem com menos gordura corporal, cintura mais estreita e ombros maiores e mais arredondados que o Superman desenhado por Wayne Boring entre 1940 e 1950 (WELDON, 2016, p. 152).

⁵⁵ Começou a carreira na Marvel com *The Deadly Hands of Kung Fu*, *Quarteto Fantástico* e *Vingadores*, juntou-se a DC no início dos anos 80 e participou de trabalhos em HQs da *Liga da Justiça*, *Novos Titãs* e *Secret Origins*. Foi o desenhista da série de doze volumes e 360 páginas “Crise nas Infinitas Terras” e em 1987 assumiu o roteiro e arte da série “Mulher-Maravilha”. Na década de 90 voltou a desenhar para a Marvel na minissérie “Hulk: Futuro Imperfeito” (1996) e na revista *Vingadores* (1997). À partir de 2003 ilustrou crossovers entre DC e Marvel, como a minissérie “Liga da Justiça/Vingadores” (KLEINERT; GOIDA, 2014, p. 375).

⁵⁶ Trabalhou desde 1942 em histórias como *Capitão Marvel*, *Bulletman*, *Fighting Yank*, *Capitão América* e em aventuras da personagem Lois Lane.

estamos diante de uma entrevista para a principal matéria do *Planeta Diário*. “Título: Os últimos dias do Superman”.

A conversa revela o suicídio de Bizarro, a morte de Pete Ross⁵⁷, Lana Lang, Jimmy Olsen e Krypto, além dos vilões Lex Luthor, Brainiac e Mxyzptlk, morto pelo próprio Superman: — “Eu o matei Lois! Eu tive a intenção de matá-lo... Desrespeitei meu juramento. Eu o matei”. Em seguida ele entra em uma câmara de armazenagem de kryptonita dourada. Lois conta que, quando a Superwoman e o Capitão Marvel arrombaram a porta, ela estava vazia. “Descobriram uma passagem secreta que levava pra fora da fortaleza, e todos concluíram que ele havia caminhado sem poderes na desolação abaixo de zero pra morrer congelado. Jamais encontraram o corpo.”

Crane agradece Lois pela entrevista e vai embora, em seguida, o marido dela, Jordan, aparece segurando Jonathan, o filho do casal. Lois pergunta: — “Você gosta mesmo disso, não? Ir trabalhar todos os dias, levar o lixo pra calçada, trocar as fraldas de Jonathan... toda essa coisa normal”. Jonathan aparece brincando com um pedaço de carvão enquanto o casal segue conversando e, de repente, um diamante. O carvão fora transformado em um diamante nas pequenas mãos de Jonathan.

Nesse momento, podemos observar um rosto familiar atrás do bigode. Além de um queixo particular do personagem, destaca-se a conhecida mecha em forma de S no cabelo, não mais caída para frente sobre a testa, mas controlada, ou quase, junto a seu penteado, indicando que ele não é mais um homem de ação. Um leitor mais atento pode notar que Jonathan também ostenta a mecha em forma de S alguns quadros antes. Jordan olha diretamente para o leitor e pergunta com uma piscadela: — “... o que você acha?”.

É interessante destacar que, durante a história, o Homem de aço acaba tendo sua identidade secreta revelada, que, uma vez pública, “tornou-se inútil. E ele a abandonou” (figura 14). Clark Kent, o jornalista caracterizado como um disfarce por Siegel e Shuster, já não era mais necessário. Moore e Swan tomam a liberdade de não mostrar a profissão de Jordan, que, mais cedo, em uma rápida conversa com o repórter Tim Crane, tinha revelado o que achava do Superman: “Ele não era nada de especial. Nós, trabalhadores, filho... Nós é que somos os verdadeiros heróis”, o

⁵⁷ O personagem foi definido em *Superboy* nº 86 (janeiro de 1961) como o melhor amigo de infância de Superman.

leitor seria, todas as pessoas comuns que vão trabalhar todos os dias e fazem as coisas normais do cotidiano.

Figura 13 – Superman abandona a identidade de Clark Kent



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 23 do encadernado *O Que Aconteceu ao Homem de Aço?*

4.2 A Origem modernizada de John Byrne (1986 - 1988)

Em *The Man of Steel*, minissérie publicada originalmente entre julho e agosto de 1986 em 6 edições, o leitor percebia desde o prólogo que estava diante de uma nova narrativa. Com a série, John Byrne definiu as cinco décadas de histórias anteriores como algo imaginário, a começar por Krypton, agora um local árido e deserto, exceto pelo manto rochoso que cobre o horizonte. Em resumo, um planeta estéril. A história se inicia com Jor-El voltando a seu lar, uma grande estrutura em formato de torre cercada por montanhas. Ele conversa com Kelex, um de seus robôs: “... Eu descobri o que havia para descobrir. Todavia, quisera não ter descoberto. Onde está a criança?”.

Lara questiona a atitude do marido sem entender suas motivações: — “Mas você realmente se atreveu! Você enviou um de seus servos para remover a matriz das câmaras de gestação!”. Aparentemente a tecnologia kryptoniana controlou durante milênios o planeta, permitindo até mesmo manipular as forças da natureza, controlando inclusive a chuva. Apesar disso, eles se tornaram estéreis e, agora, unem seu material genético em globos mecânicos. Sua comunidade é definida pelo próprio Jor-EL como “Uma sociedade fria e insensível, privada de todos os sentimentos humanos, de toda a paixão que norteia a vida humana”.

E então tudo fica claro. Krypton está doente e uma reação em cadeia dentro de seu núcleo está formando um novo metal radioativo que envenena a população e, o pior, a pressão é tão grande que o planeta explodirá em um dia, talvez uma hora. Os robôs de Jor-EL acoplaram um hiper-propulsor no orbe matriarcal da criança, que, isolada em seu interior, foi protegida da radiação venenosa e, agora, poderia sobreviver em “uma nova morada, um planeta deveras similar ao que foi Krypton... Um lugar chamado por seus nativos... de Terra”, planeta que orbita um sol amarelo.

Expostas à radiação dessa estrela, as células da criança atuariam como “baterias solares, tornando-o cada vez mais poderoso. Com o tempo, ele há de se tornar o ser supremo desse planeta, quase um Deus!”.

É o fim definitivo da exegese de Siegel e Shuster para os superpoderes, a história da “super-raça/menor gravidade”. Em vez disso, Byrne deposita todo o peso de sua narrativa no argumento do “raio solar” que Otto Binder havia introduzido em 1961 (WELDON, 2016, p. 258).

Quarterback do time de futebol americano de Smallville, musculoso e confiante. O capítulo um da história mostra uma nova caracterização da *persona* de Clark Kent. Touchdown! Clark era um campeão e vencida os jogos pelo time. Seu pai, Jonathan Kent, após o último jogo da temporada não se mostrou feliz com a situação. Seu filho era especial e havia sido orientado por ele e sua mulher, Martha Kent a jamais utilizar seus poderes para se destacar como alguém melhor que outra pessoa ou de uma forma que diminuísse os outros. Decidido, mostra a nave ao jovem Kent, que, envergonhado, decide partir em busca de pessoas e lugares que precisem de suas habilidades.

Morou na cidade de Metrópolis e agiu em segredo por sete anos até que, no aniversário de 250 anos da cidade, em um episódio inexplicável, uma pequena aeronave particular colidiu com Constituição, um ônibus espacial experimental. A situação obrigou Clark a agir em público com uma multidão assistindo. Dentro do Constituição, uma repórter, Lois Lane, do *Planeta Diário*. Lois escreve uma matéria sobre o misterioso Super-Herói, conferindo-lhe a alcunha de Superman, designação rapidamente multiplicada pelos jornais americanos. Com o mundo à sua procura, Clark adota então a *persona* do Superman, uma “pose” e, com a ajuda de Martha e Jonathan, surge o traje, as botas e uma capa, conjunto que demonstrava o “ar simbólico” desejado por ele. O mito fora criado.

Weldon diferencia o conceito inicialmente adotado por Siegel e Shuster e o entendimento de Byrne sobre o personagem: “[...] Clark Kent, o garoto da fazenda do Kansas, é o homem, enquanto Superman, o herói poderoso, é o disfarce.” (WELDON, 2016, p. 258). O próprio Clark destaca, durante o desenrolar da história, que não pode ficar “de plantão” como Superman o tempo todo: — “Até eu preciso de tempo para descansar e relaxar a mente, ser apenas humano durante algum período.”, apresentando em sequência “o novo Clark Kent!”. Usando os antigos óculos de Jonathan e penteando o cabelo para trás com gel, ele parecia outra pessoa. O visual musculoso adotado por Byrne para o personagem também foi justificado: “[...] Nos anos 1970, dava para ser magricelo sem problema, mas na era

do fisiculturismo e dos modelos da Calvin Klein, o Superman clássico de Curt Swan agora parecia só alguém em boa forma.” (WELDON, 2013, p. 261).

The Man of Steel introduz o conceito de aura protetora, revelando que o traje de Clark não desfia, rasga ou suja por estar bem ajustado, colado em sua pele e mostra como o Superman usa visão térmica e um pedaço de metal da sua espaçonave para “se barbear”. Mas a história foi além, arriscou-se ao mostrar que os poderes do homem de aço se desenvolviam conforme ele se tornava adulto, excluindo assim o Superboy (e antes disso, o “Super-Bebê”) e revelando uma narrativa sem Supergirl, Kandor ou Krypto. Kal-El era realmente o “último filho de Krypton”.

Logo após superar a Sr.ta Lane e conseguir a primeira entrevista do Superman, Clark é contratado como repórter no *Planeta Diário*. Definido por Lois como “... um homem que não comete nenhum errinho de digitação em seus textos.”, ainda bem vestido, ele se mostra um jornalista diferente do visto até então, agora seguro e determinado, independente da presença de outro personagem ou situação. Kent entregava várias reportagens “bombásticas” no Planeta, rivalizando com Lois, algo com que ela poderia até se conformar se eles disputassem “a mesma história desde o começo!”. O problema foi ele “aparecer do nada, sem nenhuma experiência e com a história do século...”, gerando uma tensão interessante entre os dois e permitindo que Byrne transformasse o relacionamento Lois-Clark:

Essa Lois era mais dura, mais independente e conseguia se garantir contra várias ameaças. E, em um afastamento revelador de anos de continuidade que se tornaria cada vez mais importante durante os anos seguintes, ela tratava Superman como uma história e Clark, como um homem (WELDON, 2016, p. 258).

Lex Luthor e Lana Lang também ganham uma “nova forma”. Empresário dono da LexCorp, Luthor é definido por Lois como “o segundo ou terceiro maior bilionário do mundo e, indiscutivelmente, o mais poderoso”, deixando de lado a ideia de Lex como um cientista maluco, enquanto Lana é retratada como uma antiga paixão da escola, para quem Clark revela seus poderes antes de partir para Metrópolis, resultando em seu desequilíbrio mental.

4.3 Três vezes Superman

Após *The Man of Steel*, Byrne teve a oportunidade de desenvolver o personagem em duas revistas (figura 15), *Action Comics* e *Superman*, escrevendo e desenhando. O herói contou ainda com uma terceira revista (figura 15), *Adventures of Superman*, escrita pelo roteirista Marv Wolfman⁵⁸ e desenhada pelo artista e escritor de quadrinhos, Jerry Ordway⁵⁹.

Figura 14 - Capas das revistas Action Comics nº 584, Superman nº 1 e Adventures of Superman nº 424



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da capa das revistas

O primeiro título a chegar (janeiro de 1987) foi o *Action Comics* nº 584 - mesmo com o reboot⁶⁰ a nova edição seguiu a antiga numeração -, mostrando-se um *crossover team-up*⁶¹, trazendo um Superman destruindo um prédio visivelmente

⁵⁸ O roteirista trabalhou em títulos da Marvel na década de 70 (*Quarteto Fantástico*, *Thor*, *Homem-Aranha*, *Demolidor*, *Doutor Estranho*, *A tumba de Drácula*, *Werewolf*) e criou personagens para o universo ficcional da editora como *Blade*, *Nova*, *Mercenário*, *Terrax*, *Gata Negra*. Em 1980, escreveu para a DC na série dos “Novos Titãs”, foi responsável pela saga *Crise nas Infinitas Terras* (1985), autor da minissérie “A História do Universo DC” (1986), além de escrever durante a década de 80 nas revistas *Superman*, *Batman*, *Vigilante* e *Omega Men* (KLEINERT; GOIDA, 2014, p. 507).

⁵⁹ Ilustrador e argumentista atuante em histórias marcantes do Superman, como *A morte do Super-Homem* e *O casamento do Super-Homem*, tendo colaborado como arte finalista na saga *Crise nas Infinitas Terras* (1985) e em *Mulher-Maravilha*, *Sociedade da Justiça*, *Crise Infinita*, *Gladiador Dourado*, além de títulos da Marvel como *Hulk*, *Thor* e *Capitão América* (KLEINERT; GOIDA, 2014, p. 358).

⁶⁰ Ato de redefinir um personagem do zero (WELDON, 2016, p. 95).

⁶¹ Um *crossover* em que um novo grupo é formado com a união de pessoas ou equipes diferentes.

enlouquecido e sendo enfrentado por alguns membros dos Novos Titãs⁶². Entretanto, embora idêntico ao Superman, aquele não podia ser ele. Falando obscenidades, com intenção de executar seus “adversários” e demonstrando se julgar superior a tudo e todos. Não era difícil perceber desde as primeiras páginas que aquele não era o Homem de aço. David Gundersen, um cientista mal intencionado, construiu um dispositivo chamado “deslocador mental”, capaz de transportar até mesmo a consciência de alguém poderoso como Kal-El, que teve que tentar reverter o processo preso no corpo de David.

O destaque acaba ficando na última página da edição⁶³. Lex Luthor, lendo o último jornal do *Planeta Diário*, se dá conta de que, como de costume, Clark Kent escreveu a história sobre o acontecimento, não Lois Lane. A repórter mais “quente” do Planeta parece vir sempre em segundo lugar desde que Kent chegou. Pelo menos nas histórias que envolvem o Superman. “Isso é algo que realmente não me ocorreu até agora. Clark Kent sempre recebe as melhores Histórias do Superman. Deve haver algum tipo de conexão entre Kent e o Superman. E Lex Luthor é o homem certo para descobrir exatamente o que é essa conexão!”⁶⁴.

O segundo título foi *Superman* nº 1 (janeiro de 1987), lançado uma semana depois da *Action*, e não se tratava de uma continuidade na revista *Superman* nº 423, afinal, as histórias de Byrne se tratavam de uma nova era do personagem, transformando tudo aquilo que veio antes em algo imaginário. Contudo, o título de Wolfman ocupou esse espaço, dando prosseguimento à numeração, sendo o terceiro título então *Adventures of Superman* nº 424.

Superman nº 1 narra o episódio em que, três meses depois do desaparecimento de sua Nave, Kent encontra um laboratório com as paredes forradas com chumbo: — “Sem dúvida, a intenção era bloquear minha visão de Raios X!”. Dentro, um homem morto, fotos e diversas informações sobre o Superman. Decidido a proteger sua identidade, Clark decide não comunicar às autoridades sobre a instalação, ao menos provisoriamente, levando-a para uma órbita segura.

⁶² Também conhecidos como Teen Titans, os Novos Titãs é uma equipe formada com heróis adolescentes.

⁶³ *Action Comics* nº 584 foi publicada no Brasil pela editora Abril na revista *Superamigos* nº 31 em novembro de 1987 e a história contava com 4 páginas a menos que a original, inclusive a participação de Luthor. A revista também reuniu as histórias de *Aquaman* nº 1 (fevereiro de 1986), escrita por Neil Pozner e desenhada por Craig Hamilton e *The Demon* nº 3 (março de 1987), escrita e desenhada por Matt Wagner.

⁶⁴ Minha tradução para: *That's something that hadn't really occurred to me until now. Clark Kent always gets the best Superman Stories. There must be some kind of connection between Kent and Superman. And Lex Luthor is just the man to find out exactly what that connection is!!*

No quadro seguinte, ele se junta a Lois para uma corrida em Metrópolis, com Byrne explorando mais o relacionamento de “gato e rato” dos dois. Para Kent, o “joguinho” incomodava e a situação que poderia se resolver se ela soubesse que ele era o Superman, entretanto, “seria fácil demais! Se Lois chegar a gostar de mim quero que seja como Clark Kent!”.

O exercício é interrompido com o alarme do banco do comércio. Lá dentro, Metallo, aguardando a chegada do Superman. Através de flashbacks do vilão, descobrimos que o homem morto no laboratório era Emmett Vale, um cientista que acompanhou a espaçonave de Kal-El cair no Kansas e em seguida a roubou. O cientista acabou traduzindo parte da mensagem deixada por Jor-EL na nave e, acreditando que Clark fazia parte de um grupo enviado pelos kryptonianos com “exploradores por todo o universo procurando planetas pra conquistar”, criou Metallo a partir do corpo de John Corben com o propósito de “matar o Superman”. Corben, não muito feliz com o que Vale fez com seu corpo, mata seu “criador”.

Na história, Lane acaba descobrindo que o homem de aço é um alienígena: — “Ele disse que você é um extraterrestre!”, fato que Superman confirma: — “É verdade Lois! Eu fui criado na terra, mas nasci num planeta chamado Krypton!”. Clark aprende que a kryptonita bloqueia a ação da energia solar em suas células, anulando seus poderes. Corben, que, além das partes metálicas também possui um coração de kryptonita, quase cumpriu o desejo de Emmett, mas inexplicavelmente “apareceu uma sombra e Metallo desapareceu”, mistério que seria resolvido em *Superman* nº 2 (janeiro de 1987).

Em *Adventures of Superman* nº 424 (janeiro de 1987), somos apresentados a um novo membro do *Planeta Diário*, Catherine Grant. Colunista de fofocas muito popular em Los Angeles, sua cidade natal, Cat, como prefere ser chamada, foi contratada por Perry para cuidar do novo suplemento de domingo do jornal. Embora não se apresentem, Clark e a jornalista encontram-se no começo da história e sentem-se imediatamente atraídos um pelo outro. Mais tarde, Cat, ao descobrir sua identidade, reflete deslumbrada: — “Então esse é o Clark Kent. Seu último romance foi... esplêndido”⁶⁵. A admiração é recíproca: — “Catherine Grant, hum? Eu leio sua coluna há anos. A maneira como você entrevista as estrelas de Hollywood... É

⁶⁵ Minha tradução para *So that's Clark Kent. His last novel was... scrumptious.*

maravilhoso. Você realmente parece conhecê-los”⁶⁶, afirma Clark segurando a mão da moça.

No quadro seguinte, enquanto Kent conversa ao telefone, Lane questiona Cat sobre suas entrevistas: — “Eu sei como você consegue algumas dessas entrevistas”⁶⁷. A colunista responde visivelmente despreocupada: — “Você não escuta eles reclamando, escuta, senhorita Lane?”. Não satisfeita, Lois questiona as motivações de Perry para contratar uma “traficante de escândalos”⁶⁸ e ele pede mais confiança, justificando que a contratou quando ela tinha poucas credenciais. A revista ainda mostra Superman enfrentando um grupo de terroristas, mas se concentra em explorar o relacionamento entre Lois, Clark e a sedutora e misteriosa⁶⁹ Catherine.

4.3.1 Segredo revelado: Clark Kent é o Superman

Superman nº 2 (janeiro de 1987) revela que Lex Luthor, acreditando que só ele poderia ter o prazer de matar Superman, enviou alguns de seus agentes para capturar Corben, salvando a vida de Kal-El. Em seguida, Luthor toma para si a pedra de kryptonita que estava no peito do ciborgue e começa a investigar a ligação entre o herói e o jornalista Clark Kent, acumulando todos os dados possíveis sobre ambos em uma clara continuidade ao desfecho da *Action Comics* nº 584. Um computador cruza referências como peso, altura, cor dos olhos e registro médico, apresentando em seguida uma resposta. “Clark Kent é o Superman”. Sua assistente, uma renomada cientista da computação fica surpresa: — “Ó meu Deus! Isso nunca teria me ocorrido! E ainda... Reunindo as evidências... É tão lógico! Tão perfeitamente lógico!”⁷⁰. Lex se opõe: — “Isso é lógico? Para uma máquina, talvez. Para uma máquina, talvez. Sim... Uma máquina sem alma poderia fazer essa dedução. Mas

⁶⁶ Minha tradução para *Catherine Grant, hmmm? I've read your column for years. The way you interview those hollywood stars... It's wonderful. You really seem to know them so well.*

⁶⁷ Minha tradução para *I've heard how you get some of those interviews.*

⁶⁸ Minha tradução para: *a She's a scandal monger.*

⁶⁹ *Adventures of Superman* nº 429 (junho de 1987) revela alguns detalhes de seu passado. Divorciada do magnata e dono da Monarch Studios, Joe Morgan, Cat estava há 5 anos sem ver o filho, Adam Grant. Segundo ela, Joe obrigou alguns atores a testemunharem sobre o estilo de vida “namoradeiro” e conseguiu a custódia do menino.

⁷⁰ Minha tradução para: *Oh my goodness! That would never have occurred to me! And yet... Given the body of evidence... It's so logical! So flawlessly logical!*

não Lex Luthor!”⁷¹. Para ele, nenhum homem com o poder do Superman fingiria ser um “mero humano”.

Desde a *Action Comics* nº 1, o jornalismo se mostrou a profissão mais adequada para o Homem de Aço. Entretanto, seu disfarce como jornalista exigiu que ele adotasse, ainda que de forma relutante, uma personalidade diferente da sua. Mesmo na visão de Byrne, na qual Superman seria um papel a ser desempenhado por Clark, foi ele que teve que se adaptar à situação. Não importa quem ele é, Clark, Kal-El ou Superman. Em todos os casos, ele protege sua “verdadeira” identidade com a máscara do jornalista que conhecemos, seja ela de um indivíduo inseguro e completamente desajeitado, seja de um homem que apenas muda sua postura corporal e vestuário. Os dois exemplos têm em comum, além dos óculos e penteados diferentes do Superman, a vida de uma pessoa normal.

É por isso que, mesmo Luthor, descrito nas histórias como uma pessoa de QI elevado, não consegue imaginar a situação. O jornalista Clark Kent acorda todo dia e vai trabalhar. Ele usa o transporte público, se relaciona com outras pessoas e tem uma vida comum. Mesmo diante de uma reportagem sobre uma guerra, crime, desastre ou sobre seu alter-ego (ele mesmo dependendo da visão do autor e do leitor), as pessoas esperam que ele narre os fatos de longe e sem se envolver de forma direta e a situação pode ser atribuída a sorte ou competência profissional, não importa. Não existe nenhum motivo para uma pessoa daquele universo fictício desconfiar que o jornalista Clark Kent ou qualquer outra pessoa é o Superman.

Além disso, o personagem não usa uma máscara para transmitir a ideia de que não possui outra identidade e, como consequência, gerar mais confiança na população. Entretanto, o que deveria ser uma justificativa, acaba sendo um motivo recorrente de críticas. Em vídeo⁷² postado no dia 16 de março de 2016 em uma rede social, o ator britânico Henry Cavill, intérprete do personagem até então⁷³ nos filmes *Man of Steel* (2013) e *Batman vs Superman: Dawn of Justice* (2016), mostra um “experimento” para provar que o herói não precisa usar uma máscara. Sem óculos e usando uma camisa com o “escudo” do Homem de Aço, Cavill andou pela Times Square, em Nova York em uma área com grandes outdoors do filme *Batman vs*

⁷¹ Minha tradução para: *Yes... A soulless machine might make that deduction. But no Lex Luthor! Yes... A soulless machine might make that deduction. But no Lex Luthor!*

⁷² CAVILL, Henry. Instagram, 16 mar. 2016. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/BDBit1wA5kb/?utm_source=ig_embed->. Acesso em: 17 abr. 18.

⁷³ Em 2017, Henry Cavill interpreta o Superman no filme *Justice League*.

Superman, tirou algumas fotos e não foi reconhecido. Na legenda do vídeo a frase: “Caro crítico, os óculos são bons o suficiente. Saudações”⁷⁴.

A questão não se trata apenas de uns óculos e um penteado diferente. Seria preciso reconhecer uma pessoa que você viu por poucos segundos, fazendo algo incrível como voar e salvar uma vida. De qualquer forma, para evitar possíveis oportunidades de reflexão sobre o assunto, ele pode sempre adotar outras medidas. Em *Superman* nº 2, por exemplo, Kal-El move o rosto em uma velocidade anormal (figura 16) para evitar que um “dispositivo de rastreamento aéreo” consiga boas imagens de seu rosto.

Figura 15 – Superman move o rosto em uma velocidade anormal



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 12 de *Superman* nº 2

4.3.2 Newstime Magazine

Em *Adventures of Superman* nº 460 (novembro de 1989), Colin Thornton⁷⁵, proprietário do *Newstime Magazine*⁷⁶ vai à redação do *Planeta Diário* para contratar Kent como o novo editor chefe da revista. Clark não estava⁷⁷ e Perry, furioso com a

⁷⁴ Minha tradução para: *Dear Doubter, The glasses are good enough. Regards.*

⁷⁵ A revista *Adventures of Superman* nº 493 (agosto de 1992) revela que, na verdade, Colin Thornton é o alter-ego do demônio Lord Satanus.

⁷⁶ Introduzido na história como uma revista concorrente do jornal Daily Planet em Metrópolis.

⁷⁷ Superman sente uma dor de cabeça forte no começo da história e decide sair da redação para investigar a causa. Ele acaba descobrindo que a enxaqueca é resultado de uma ligação psíquica com o Erradicador, um

possibilidade de um de seus repórteres saírem do jornal, acaba discutindo com Thornton. Na edição seguinte, *Adventures of Superman* nº 461 (dezembro de 1989), Colin tenta convencer Clark de que uma mudança seria algo positivo em sua carreira e, ainda que o planeta seja quase sua segunda casa, ele acaba aceitando o desafio de se tornar um editor no final da revista *Superman* nº 39 (janeiro de 1990). Ele só explica sua decisão mais tarde, em *Adventures of Superman* nº 462 (janeiro de 1990), afirmando que, “quando oportunidades na carreira aparecem, você não pode ignorá-las”⁷⁸.

Uma das vantagens apresentadas em *Action Comics* nº 14 (julho de 1939) e reforçadas ao longo dos anos em Clark ser um repórter é que, sempre que necessário, ele podia desaparecer por um tempo, desde que voltasse com uma matéria (figura X). Seu emprego na Newstime, no entanto, apresentava uma dinâmica diferente e ele tinha certa agenda a cumprir, afinal, o editor chefe “é o encarregado de toda a redação do jornal. Ele está em contato com todos os editores, discutindo matérias e decidindo a forma final do jornal” (TRAVANCAS, 1993, p. 25). Sua vida dupla e a necessidade de constantemente faltar uma reunião importante ou conferência de imprensa para salvar uma vida ou impedir que algum desastre ocorra, acaba resultando em sua demissão da revista em *Adventures of Superman* nº 465 (abril de 1990). Kent acaba voltando a trabalhar no Planeta em *Superman* nº 43 (maio de 1990).

4.4 Superman: Birthright (2003-2004)

Escrita por Mark Waid e desenhada por Leinil Francis Yu⁷⁹, *Superman: Birthright* foi uma minissérie de histórias em quadrinhos publicada pela DC Comics em doze edições entre setembro de 2003 e setembro de 2004. Inicialmente pensada como uma narrativa independente, *Birthright* acabou entrando para o cânone e foi tratada como a origem oficial do personagem por seis anos, até *Superman: Secret Origin*.

dispositivo kryptoniano introduzido *Action Comics Annual* nº 2 (maio de 1989), que estava tentando transformar a Terra em uma cópia de krypton.

⁷⁸ Minha tradução para: *But when career opportunities beckon, you can't ignore them.*

⁷⁹ O artista filipino, Leinil Francis Yu estreou nos quadrinhos norte-americanos desenhando para a série “Wolverine” (Marvel, 1997), responsável pela arte da minissérie “Superman: Legado das Estrelas” (DC, 2003), participou de publicações da Wildstorm (Silent Dragon), Cliffhanger (High Roads), Dark Horse (capas para Conan), Marvel (X-Men), além de ilustrar HQs importantes da Marvel, além de ilustrar diversas HQs da Marvel, como Wolverine vs. Hulk (2006) e Invasão secreta (2008) (KLEINERT; GOIDA, 2014, p. 517).

Para Weldon (2013, p. 327), fazendo uma “concessão ao público do século XXI, que era adiada há muito tempo, Waid estabeleceu que Jor-El e Lara são parceiros iguais não só na vida, mas em suas empreitadas científicas também”. Aliás, essas não foram as únicas mudanças significativas. Krypton não é um deserto como em *The Man of Steel*, mas uma espécie de paraíso científico criado, onde vegetação e tecnologia transitavam de modo harmônico, Clark podia enxergar um halo de cores⁸⁰ ao redor de todo ser vivo, fato que o leva a ser vegetariano.

A pressão acumulada no núcleo do planeta ainda vai resultar em sua explosão e o conselho kryptoniano continua composto por “tolos omissos” que não fazem nada. Lara e Jor-El decidem então mandar o filho, Kal-El para outro corpo celeste, a Terra. Embrulhado em uma manta com o conhecido escudo em S, a novidade aqui fica por conta da enciclopédia história de Krypton que vai com ele.

A nave detecta o planeta alvo, ativa uma camuflagem e segue a toda velocidade. A página seguinte não mostra a nave caindo, Martha, Jonathan ou alguma explicação do que aconteceu com o bebê, o leitor simplesmente se depara com um salto temporal de 25 anos. “Waid pulou toda a ladainha de chamado recusado de Joseph Campbell e foi direto para da parte em que os Kent encontram a nave para Clark como jovem jornalista na África” (Weldon 2016, p. 327), *Superman: Birthright* seria um relato sobre a busca de identidade do Homem de Aço.

Jornalista *freelancer*⁸¹, Kent atua fazendo matérias para jornais locais pelo mundo e entrevistou, por exemplo, até terroristas e o presidente da Suprema Corte americana. Aos 18 anos, saiu de Smallville para estudar e acabou acumulando, como aluno especial em muitas universidades, currículo suficiente para solicitar um bacharelado em jornalismo.

A escolha pela profissão se mostra uma mistura de aptidão e gosto pessoal com traumas do passado, em que sua aproximação na vida de outras pessoas resultava em uma pequena descoberta de suas habilidades, medo e paranoia, afinal, o que mais ele escondeu?. Em vez de se envolver diretamente em eventos, ele os narra.

⁸⁰ Durante *Superman: Birthright*, o leitor é introduzido ao conceito de halo pelo protagonista em uma troca de e-mails com sua mãe adotiva, Martha Kent. Embora Clark não saiba definir com precisão se halo seria uma alma ou uma aura, ele esclarece que é uma luz desaparece sempre que a vida termina.

⁸¹ Define-se *freelancer* como um profissional que vende seu trabalho ou trabalha realizando suas atividades para diversas empresas, de modo a não estabelecer um contrato fixo nem trabalhar com exclusividade para uma única empresa; impulsão, impulso. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br> >. Acesso em: 09/06/2018.

Na história, faltando um mês para fazer 25 anos, Clark foi contratado pela Gazeta de Gana para fazer um perfil do ativista Kobe Asuru, candidato às eleições parlamentares nacionais e defensor da igualdade entre tribos africanas. Referência para o jornalista, Asuru acaba sendo assassinado, dando início a uma importante reforma política na região. Três dias depois Clark volta para Smallville, no Kansas, uma pessoa completamente diferente da que tinha partido sete anos atrás.

Conforme apontado por Morrison (2012, p. 32), estampar de forma agressiva a própria inicial no peito foi algo nunca antes feito e um grande acerto de marketing. Superman usa seu próprio logotipo, sua própria camisa. Sobre a questão, uma mudança importante apresentada em *Birthright* foi introduzir o brasão em S como um símbolo do povo kryptoniano, e não como um símbolo da família El. Nas palavras de Clark na história: “Primeiro, achei que fosse só um brasão de família ou coisa assim. Mas se era, passou a ser muito mais importante para aquele povo”. E passa a se referir ao emblema como um símbolo da luta por um mundo melhor, um sinal de esperança.

Para Weldon (2016, p. 328), Waid entendeu que a questão central do mito do Superman não seria “Sou um EL ou um Kent?”, mas sim “Sou um terráqueo ou um kryptoniano?” e, além disso, Kal-El, enquanto uma pessoa humilde, realmente não deveria usar um símbolo para representar a si mesmo como Superman.

Em casa, Clark conta para os pais (adotivos) que está cansado de se esconder e se sentindo isolado em segredo. Para ele, isso significa não fugir daquilo que ele realmente é. Ser o Superman não seria representar. Martha se mostra mais compreensiva e é curioso notar sua obsessão por OVNI's; Jonathan, por outro lado, se mostra visivelmente ressentido ao perceber que o filho estava assumindo seu lado “alienígena”. O personagem então diz: — “Mas não quero deixar de ser Clark Kent. É como ter mais de uma identidade” e, nesse momento, para o leitor, é possível vislumbrar as ideias tanto de Byrne quanto de Siegel e Shuster.

Buscando uma maior aproximação e confiança com a população, ele decide não usar uma máscara enquanto Superman e adotar um disfarce como Clark Kent. Aconselhado por Martha a estudar técnicas de atuação, Clark passa a usar óculos, um paletó grande e ficar com a cabeça mais baixa. Indagado por Jonathan sobre “viver rodeado de repórteres” e acerca da escolha de profissão, simplesmente responde: — “Sou jornalista, pai, e bom nisso. E trabalhando numa redação de jornal, serei o primeiro a saber quando, er... Precisarem de mim”. Ainda que com

poderes mais desenvolvidos que na era de ouro, as justificativas seguiram as mesmas, alterando apenas as motivações pessoais do personagem.

A sequência da história mostra Kent chegando a Metrópolis para fazer uma entrevista de emprego no *Planeta Diário*, aqui apresentado como o serviço de notícias “mais ágil e confiável do mundo” (tanto no papel quanto na internet). Durante a entrevista com o editor chefe do jornal, Perry White, seu histórico profissional e cobertura para a Gazeta de Gana são ofuscados por uma falta de postura, gagueira e falta de confiança evidentes. Ele ainda assume um comportamento mais firme e argumenta: — “Preciso estar onde a velocidade da informação seja a grande prioridade. Meu trabalho precisa identificar o problema assim que ele surge”, mas se mostra nervoso e desastrado logo em seguida.

A conversa é interrompida com aeronaves automáticas antiterroristas atirando em todos os cantos da cidade e Clark acaba conseguindo um emprego após utilizar suas habilidades para revelar que um antigo amigo, Lex Luthor, embora inocentado pelo governo, seria o grande responsável pela falha nos protótipos. Waid apresenta o personagem novamente como o grande cientista da era de ouro e prata dos quadrinhos ao mesmo tempo em que incorpora a visão de empresário introduzida por Byrne em 1986.

4.5 Superman: Secret Origin (2009 - 2010)

A conclusão do *crossover Infinite Crisis*⁸² (dezembro de 2005 e junho de 2006) deixou dúvidas acerca de quais partes da origem do personagem seriam canônicas e, por isso, a DC achou que uma reinterpretação da origem do Superman era necessária. Escrita pelo roteirista Geoff Johns e ilustrada por Gary Frank, *Superman: Secret Origin*, foi uma minissérie de quadrinhos dividida em 6 edições e publicada entre novembro de 2009 e outubro de 2010.

Secret Origin começa com alguns garotos jogando futebol americano em um bosque. Frank desenha o personagem de modo inconfundível, remetendo ao ator Christopher Reeve⁸³. E, lá está ele: Clark. Um garoto assustado após ter quebrado o

⁸² A minissérie publicada em sete partes pela DC Comics retoma eventos da saga *Crise nas Infinitas Terras* (1985) e reintroduz multiversos.

⁸³ Ator e diretor americano que ficou mundialmente conhecido após interpretar o Superman nos filmes *Superman* (1978), *Superman II* (1980), *Superman III* (1983), *Superman IV: The Quest for Peace* (1987). Reeves sofreu um acidente de cavalo em 1995 que o deixou tetraplégico e morreu em 2004, vítima de um infarto.

braço de seu amigo, Pete Ross. No dia seguinte, mostrando-se arrependido de ter participado do jogo, acaba se afastando do amigo ao perceber que podia enxergar através do gesso em seu braço. Quem vai ao seu encontro é Lana Lang, que, após uma conversa reveladora sobre o dia em que descobriu que Kent tinha uma pele “indestrutível”, pergunta o que mais ele pode fazer. “Eu tenho medo de tocar em qualquer um, Lana”, diz Clark. Lang segura as bochechas do amigo e olha em seus olhos: — “Nunca tenha medo disso, Clark”, e em seguida o beija. Nesse momento, sua visão de calor se manifesta⁸⁴ e ele acidentalmente quase põe fogo no colégio.

Em casa, após esses incidentes, seus pais, Jonathan e Martha Kent decidem que “ele precisa saber”. Na sequência, Clark descobre que chegou em uma nave e ao tocá-la, um holograma de seus verdadeiros pais, Jor-EL e Lara, aparece. Nesse momento, ele rejeita completamente a ideia e bate na nave. Ele não quer ser outra pessoa. Ele não é Kal-El de Krypton. Ele quer ser apenas garoto normal no Kansas.

Weldon (2016, p. 350) sugere que a história esclareceu que a “dicotomia Clark/Superman não era e nunca foi tão clara quanto parecia. A verdade tinha mais nuances”. Definir o eu “verdadeiro” do personagem é uma questão interpretativa do leitor e depende inclusive, do pensamento e versão do herói adotada. A situação não é resumida entre o “herói” Superman e o jornalista Clark Kent. Existe uma “terceira pessoa”, o Clark de Smallville, filho de Martha e Jonathan.

Relutante, Clark começa a assumir um papel de herói quando voa e salva Lang de um tornado. Contando o que aconteceu para os pais, ele se mostra feliz e decidido a continuar ajudando as pessoas. Percebendo que aquilo viraria um hábito, Martha decide que ele deve vestir “algo um pouco mais durável” e o “cobertor kryptoniano” dá lugar ao uniforme do Superboy. Os óculos característicos do personagem surgem a partir de cristais da nave para “lidar com essa visão de calor”.

Como adulto, Kent se mostra uma pessoa desastrada, gentil e extremamente inocente. Recém-contratado no *Planeta Diário*, o jornalista acaba dando seu lanche para Rudy Jones, um funcionário da limpeza do jornal. Rudy conta que o jornal “anda mal das pernas”, demitindo muitos funcionários e contratando repórteres “problemáticos”, “extremistas” e “novatos”. Na redação, enquanto Clark procura o editor chefe do jornal, Perry White, e ignorado por todos na redação, acaba ajudando

⁸⁴ Assim como aconteceu na série de televisão americana *Smallville* (no segundo episódio da segunda temporada, “Heat”), o descobrimento da visão de calor está ligado ao nível de excitação sexual de Clark em Superman: *Secret Origin*.

e conversando com Jimmy Olsen, estagiário e “fotógrafo em treinamento” a carregar caixas de rosquinha e copos de café para os “colegas”.

White é encontrado posteriormente discutindo com Lois Lane sobre o que o jornal deve ou não mostrar. Enquanto Perry, desiludido com a situação financeira do jornal, seus “credores” e publicitários não querem noticiar nada sobre Lex Luthor⁸⁵, Lane, que continua sendo retratada como uma jornalista durona que não aceita um não como resposta e tida como a melhor repórter do jornal, acredita que a exposição da verdade é sempre o melhor caminho.

Esse pensamento leva Lois a invadir uma coletiva que Luthor vai dar sobre uma “arma comprada pelo governo” e Clark vai junto nesse que seria um novo início da parceria e disputa por matérias dos dois. Ele acaba usando suas “roupas de trabalho” em Metrópolis pela primeira vez para salvar Lane de uma queda do prédio e imediatamente vira notícia. Pouco depois de sua primeira aparição, escutando as pessoas conversando enquanto voa, Kal-El reflete se tomou a atitude correta em realmente aparecer em público como Superman, afinal, ele poderia ter salvado Lane sem ser visto, e imediatamente tem um *flashback* de seu pai adotivo, Jonathan: “Eu sei que você está se coçando para isso, filho, e sua mãe e eu lhe apoiamos cem por cento. Mas lembre-se, uma vez que o gato sair da sacola, não vai conseguir colocá-lo de volta”.

Acontecimentos na trama revelam ainda que Lex e Clark se conheceram em Smallville, mas como o Lex de Waid em *Birthright*, não dá importância para isso depois de adulto. A história ainda conta com a presença dos vilões Metallo e da jornalista Cat Grant.

Capítulo 5 - O Arquétipo do Jornalista

5.1 O Idealista

Jornalistas lidam diariamente com a notícia e, nesse sentido, trocas de informação e, algumas vezes, favores são comuns entre os profissionais do meio e suas fontes ou entrevistados. Entretanto, existe também aquele jornalista que entende a prática em alguns casos como indefensável. Seu entendimento da

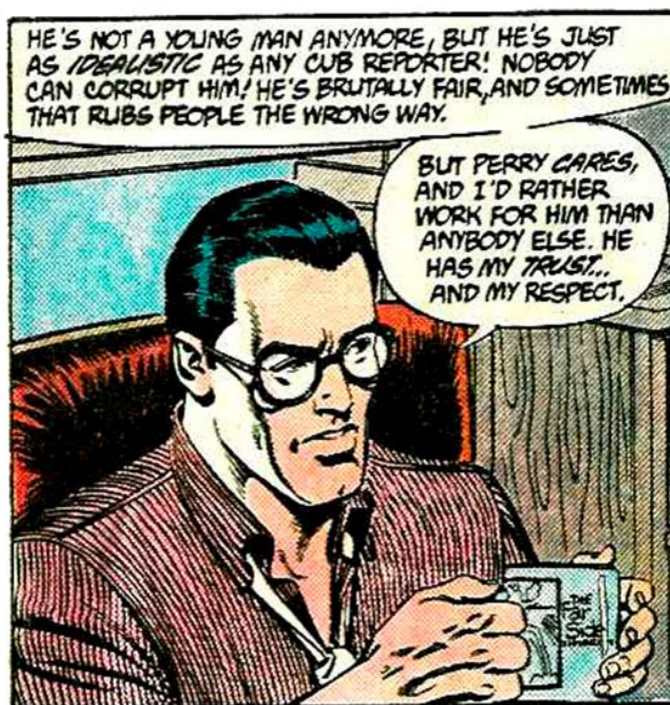
⁸⁵ Cientista e empresário dono de 78% de Metrópolis, Luthor é apresentado em *Secret Origin* como o homem mais importante dos Estados Unidos da América.

profissão é mais utópico, romântico, ele possui uma missão político social e que deve ser feita com transparência. O jornalismo não é apenas um emprego, mas uma vocação.

Esse arquétipo se enquadra em diversas figuras na ficção de modo geral e desde que não sejam personagens excessivamente iludidas, atraem o público. Dentro do universo das histórias do Superman, embora esse arquétipo possa ser visível em Jimmy Olsen, Clark Kent e em Lois Lane, o editor Perry White é quem mais se encaixa nesse modelo. O editor chefe do *Planeta Diário* é usualmente representado como uma pessoa estressada, que fuma sem parar e, embora lide diariamente com a pressão de “comandar” o jornal e administrar sua equipe, sempre mostra empatia e preocupação com todos.

Em *Adventures of Superman* nº 428 (maio de 1987), Clark descreve Perry para a colega e jornalista Catherine Grant: — “Embora não seja mais um jovem, ele é tão idealista quanto qualquer novo repórter! Ninguém pode corrompê-lo! Ele é brutalmente justo e às vezes isso incomoda as pessoas”⁸⁶ (figura 17).

Figura 16 – Clark descreve Perry White



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 5 de *Adventures of Superman* nº 428

⁸⁶ Minha tradução para: *He's not a young man anymore, but he's just as idealistic as any cub reporter! Nobody can corrupt him! He's brutally fair, and sometimes that rubs people the wrong way.*

A violência da cidade não diminuir mesmo com os esforços do Superman e a longa carreira jornalística não o desiludiram e ele continua um sonhador. Na mesma história, temos um exemplo do quanto esse pensamento pode incomodar, quando aparece na televisão condenando publicamente Jay Falkum, um vereador envolvido com a máfia e afirmando sempre relatar a verdade para a população, não importando o risco.

Mais tarde, seu filho, Jerry White acaba sequestrado por um grupo de mafiosos, que exigem que White coloque “panos quentes” na situação e proteja a imagem de Falkum. A situação é complicada e Superman acaba intervindo e salvando não só Jerry, mas um indeciso Perry sobre a atitude correta a ser tomada.

5.2 O Narcisista

A prática jornalística permite uma exaltação individual e por vezes acaba expondo constantemente a imagem do jornalista. Essa exposição excessiva pode resultar em um indivíduo presunçoso, egocêntrico e que só pensa em si.

O jornalista esportivo Steve Lombard, introduzido na história em *Superman* nº 264 (junho de 1973), se encaixa nesse perfil (figura 18). Representado como uma pessoa rude, vaidosa e ignorante, Lombard desrespeita e assedia colegas com piadas e insinuações, explora estagiários, deixa de pagar a conta do café e dos *donuts*, critica constantemente as reportagens de todos na redação e sua única preocupação é manter a “boa forma” (figura 19).

Figura 17 – A representação do jornalista Steve Lombard



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 15 de *Action Comics* nº 866

Figura 18 – Lombard enaltecendo sua boa forma

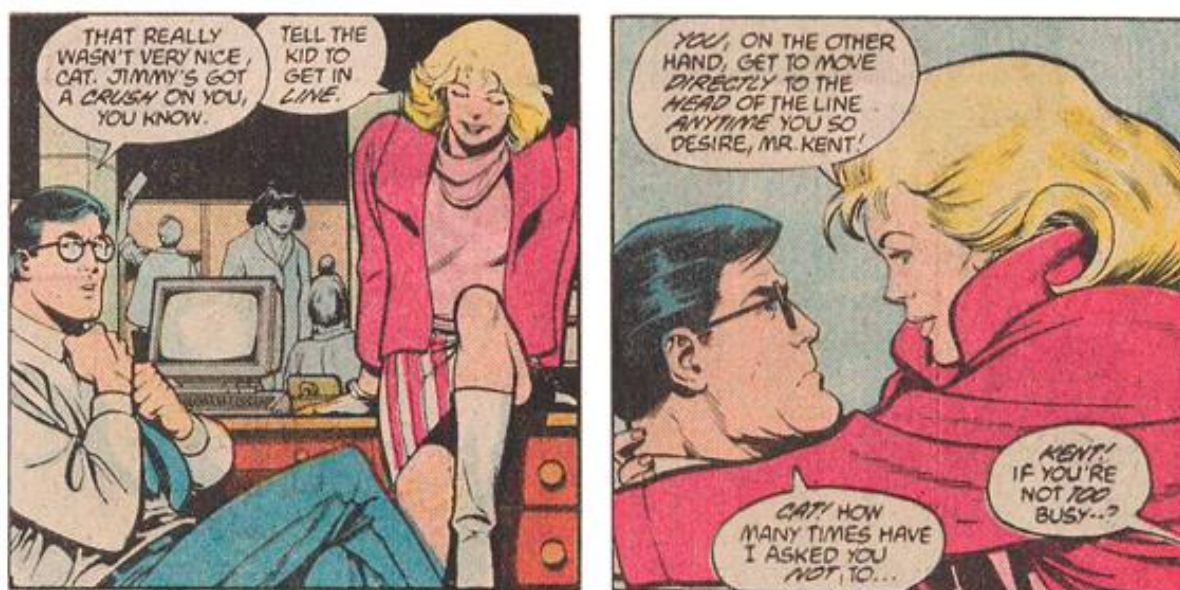


Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 10 de *Superman Secret Origin* nº 3

Outro exemplo de personagem com o arquétipo narcisista é a colunista de fofocas Catherine Grant, que se mostra de certa forma egocêntrica ao não se importar com o sentimento de outras pessoas e tentar sempre chamar atenção para si.

A personagem teve seu vestuário e atitudes modificadas ao longo dos anos. Inicialmente mostrada em *Adventures of Superman* nº 429 (junho de 1987) de forma sedutora e com roupas que valorizam o corpo, mas ainda “discretas” e “elegantes” (figura 20), teve seu guarda roupa alterado após a morte de seu filho, Adam Grant, em *Superman* nº 84 (dezembro de 1993) e passou a usar roupas mais decotadas para evidenciar suas próteses de silicone (figura 21), além de parar de se importar com outras coisas que não sua coluna.

Figura 19 – Vestuário utilizado por Cat Grant antes da morte de seu filho, Adam Grant



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 5 de *Action Comics* nº 598

Figura 20 - Vestuário utilizado por Cat Grant depois da morte de seu filho, Adam Grant



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 18 de *Superman Secret Origin* nº 3

5.3 O Questionador

Para Travancas (1993, p. 33), é fácil perceber uma guerra, uma revolução e uma violência em larga escala como notícias, o complicado é durante o cotidiano, em um mar de informações diárias, cabendo ao profissional de imprensa escolher. Dentro desse processo de seleção, adotar uma postura curiosa acerca dos fatos produz experiências que resultam no aperfeiçoamento da prática jornalística e em perguntas necessárias ainda não feitas.

Lois Lane, a melhor repórter do *Planeta*, é a típica jornalista questionadora. Mesmo no início da personagem dos quadrinhos no final da década de 1930, em uma redação majoritariamente masculina, Lane sabia se impor perante seu chefe e a sociedade da época, tendo conquistado aos poucos seu espaço na redação questionando tudo e todos, inclusive pessoas influentes em Metrópolis, como Lex Luthor (figura 22).

Figura 21 – Lane questionando Lex Luthor



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 11 de *Superman Birthright* nº 5

5.4 O Manipulador

A facilidade de dar peso e destaque a determinado evento usualmente acaba gerando à mídia uma imagem de manipuladora e, de modo geral, sempre vai existir um grupo da sociedade que não está satisfeito com determinada cobertura. Tratando-se de um jornalista, a situação não é diferente e, embora a busca pela imparcialidade seja algo contínuo na profissão, os temas são sempre tratados de forma parcial, ainda que de forma subjetiva, afinal, como qualquer outro indivíduo, ele é um ser humano e não necessariamente aquilo é uma distorção de um fato.

Em alguns casos, porém, jornalistas podem aproveitar-se da visibilidade que a mídia pode oferecer e que teoricamente detém o controle, até certo ponto, ou de alguma competência específica para facilitar a própria ascensão na busca de um “furo”. Malcolm (2011, p. 11) defende o jornalista como uma espécie de confidente, que se nutre da vaidade, da ignorância ou da solidão das pessoas.

Ao contrário de um idealista, que enxerga no jornalismo um serviço público, aqui ele é apenas um instrumento na busca por prestígio, fama, contatos e um acesso indiscriminado em locais cercados de celebridades e pessoas “importantes”.

A colunista de fofocas Catherine Grant é retratada nas histórias como uma mulher que utiliza certas habilidades sensuais para conseguir algo que deseja, como suporte financeiro e emocional constante ou um “furo”.

Buscando provar-se como uma repórter que sabe fazer mais que “apenas” fofocas para Clark, Lois e Perry, Cat acaba se envolvendo romanticamente, em *Adventures of Superman* nº 450 (janeiro de 1989), com Morgan Edge, um magnata das comunicações que estaria envolvido com o crime organizado. Após algumas edições servindo como uma fonte anônima para Clark produzir uma série de reportagens, ela revela o que está acontecendo para Lane em *Adventures of Superman* nº 455 (junho de 1989) e para Perry e o restante da redação em *Adventures of Superman* nº 456 (julho de 1989).

5.5 O Novato

Geralmente a perícia de um indivíduo com algo é proporcional à experiência que ele possui com tal atividade. Um principiante, exceto em casos de sorte, ainda não sabe executar determinada atividade com presteza. O jovem fotojornalista Jimmy Olsen é quase sempre retratado na posição de um inocente e desastrado sonhador *office boy*, estagiário ou funcionário recém-contratado e que ainda está buscando mostrar seu valor. A situação muda quando Superman aparece, torna-se seu amigo e as coisas começam a acontecer, sendo que geralmente tudo começa com uma foto (figura X) ou com Lois Lane envolvendo-o em algum perigo (figura 23).

Figura 22 – Jimmy sendo envolvido em uma situação de perigo



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 14 de *Superman Birthright* nº 4

5.6 O Destemido

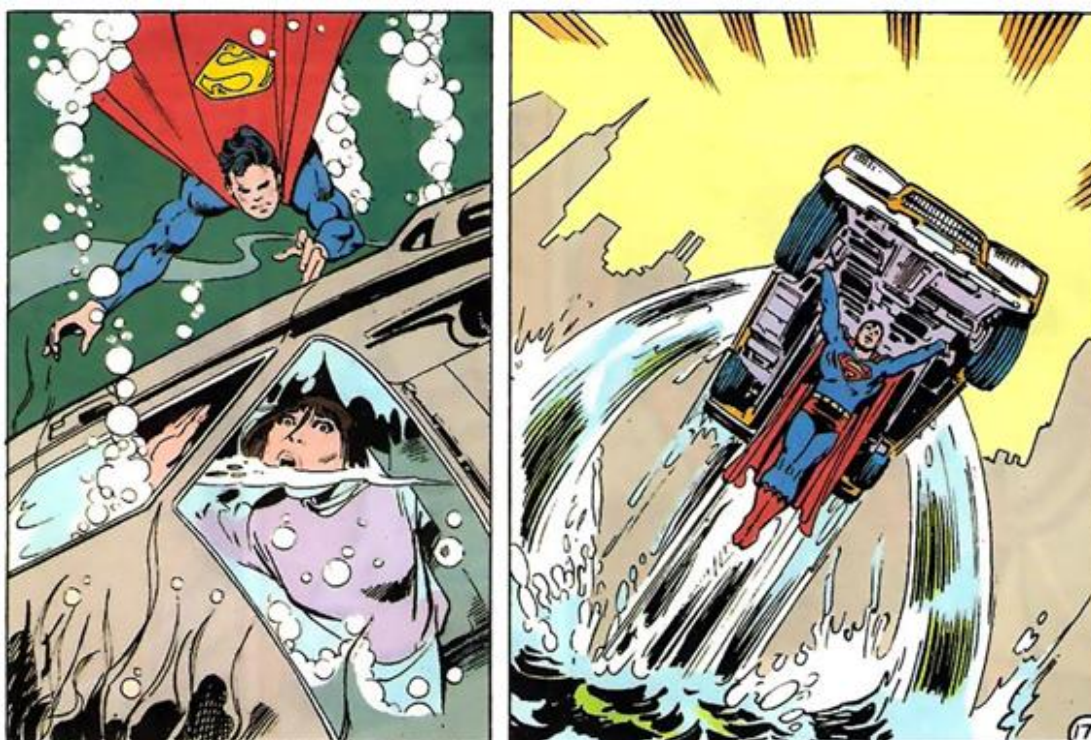
A profissão de jornalista exige uma busca constante por informações exclusivas e fontes. Situações em que o profissional se vê desprevenido são comuns, uma matéria pode se transformar na cobertura de um evento completamente diferente e um mesmo dia pode reservar deslocamentos entre áreas nobres, periferias e áreas rurais. De forma contrária a muitas outras profissões, seu escritório é móvel e sujeito a imprevistos. Pode ser necessário encontrar uma fonte em um local remoto e desconhecido, questionar um criminoso e entrar em uma cena de um crime.

Na ficção, o perigo, além de regular, é sempre enaltecido e, sendo o jornalismo uma profissão em que o indivíduo está no centro de uma ação, este sujeito é sempre alguém corajoso, guerreiro e convicto do que precisa ser feito. Nesse sentido, Lois Lane não só cobre, como busca diariamente fenômenos que envolvem algum grau de risco com o único objetivo de se destacar e cumprir seu papel enquanto jornalista, não importa de diante de um assalto, uma manifestação armada, uma guerra ou o ataque de um supervilão.

A personagem se vê em praticamente toda revista em uma situação de perigo, em que, claro, Superman acaba a salvando. Na minissérie *The Man of Steel*

(entre julho e agosto de 1986), a busca pela primeira página a leva a fingir que perdeu o controle do carro e se jogar em um rio, gritando então por socorro e sendo salva pelo Homem de Aço (figura 24). Esse arquétipo também é identificado em Cat, Perry, Jimmy e Clark, que ainda quando representado por Siegel e Shuster como uma receosa, sempre enfrentou situações de perigo, como revoltas armadas, assaltos e guerras na busca de uma matéria.

Figura 23 – Lois sendo resgatada por Superman



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 51 do encadernado *O Homem de Aço*

5.7 O Sortudo

O jornalista lida com a eventualidade e, sendo de grande interesse público ou não, uma notícia pode acontecer a qualquer hora e em qualquer lugar. Nesse sentido, coincidências são favoráveis. Toda a equipe do *Planeta Diário* possui isso a seu favor e os maiores acontecimentos do mundo parecem sempre acontecer em Metrópolis, entretanto, a figura de Clark Kent é a que mais se encaixa nesse perfil.

De fato, ser o próprio Superman auxilia no processo. Ele voa, consegue escrever e digitar rápido, pode enxergar longas distâncias e através de objetos, e escutar conversas por toda a cidade com tranquilidade. Entretanto, as pessoas não

sabem disso. Não importa como o personagem é retratado, quando tímido, receoso e medroso ou como um repórter competente e esforçado que rivaliza com Lois, ele é quase sempre o responsável pelas matérias e é geralmente assim que ele consegue o emprego no *Planeta* (figura 25), independentemente da versão, sendo o Superman e tirando vantagem disso.

Figura 24 – Clark consegue o emprego no *Planeta Diário*



Fonte: Acervo pessoal do autor. Imagem retirada da página 56 do encadernado *O Homem de Aço*

Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo principal identificar os arquétipos presentes nos personagens jornalistas das histórias em quadrinhos do Superman entre 1938 e 2011, além de estabelecer a relação entre esses arquétipos e o uso do jornalista como personagem e protagonista das HQs do Superman, identificando suas características e verificando a importância da profissão na sua construção.

Levando em consideração definições de *inconsciente coletivo* como uma camada inata e de natureza universal da psique, foi possível esclarecer o conceito de arquétipo enquanto uma possibilidade determinada a princípio como modelo da sua representação e refletir acerca das informações apresentadas nas histórias do Superman e das características dos jornalistas.

Destaca-se a representação da imagem do jornalista associada à figura do herói como uma construção contínua durante toda cronologia estudada do personagem. A exemplo de Colin Thornton, que se revela na verdade o alter-ego de um demônio em *Adventures of Superman* nº 493 (agosto de 1992), quando ligado ao jornalismo, o vilão é sempre representado como um empresário de Comunicação e nunca como um jornalista. Em particular, o ator principal das histórias não é apenas um super-herói, mas também um jornalista, sendo os demais heróis figuras que se beneficiam de particularidades jornalísticas presentes no imaginário popular.

Embora seja verdade que o profissional de imprensa tenha um acesso mais facilitado em determinados ambientes e situações, a narrativa mostra a questão como uma máxima. Não importa a circunstância, ele pode (e deve) descobrir o que está acontecendo, seu ofício impõe a autoridade de entrar em uma local onde um crime, um assassinato ocorreu há pouco e mesmo que de forma não autorizada por uma autoridade local. Nas histórias, atividades ilícitas e/ou que expõem deliberadamente outras pessoas a um risco são sempre justificáveis, desde que para desempenho profissional.

O enfoque dado na narrativa remete sempre a dois cenários distintos. No primeiro, o Homem de Aço está sempre auxiliando e/ou salvando um sujeito ou impedindo qualquer delito ou transgressão. O segundo, externo a uma perspectiva mais prosaica, com Clark Kent se relacionando com outras pessoas, habitualmente jornalistas, ou investigando determinado evento. Em ambos os casos, quando envolve a atividade jornalística, a alusão é sempre a uma atuação pessoal, a essa

figura pública e sua incessante busca pela novidade em um mundo que está sempre se alterando.

Tratando especificamente dos arquétipos identificáveis, destaca-se quando o jornalista é colocado como idealista, uma pessoa que vislumbra em sua atividade uma vocação, um sonhador que acredita na importância daquilo que faz; narcisista, querendo ser sempre o centro das atenções, dá excessiva importância ao corpo, desvaloriza o trabalho de todos em busca de reconhecimento e ignora o bem comum; questionador, que não aceita receber um “não” e está sempre recorrendo a alguma alternativa, questionando e fazendo as perguntas que considera apropriadas, independentemente da situação; manipulador, aproveitando-se de uma posição privilegiada própria ou da profissão para inverter, direcionar e influenciar situações sempre de modo a se favorecer; novato, retratado como inocente e/ou como figura que está procurando seu espaço; destemido, pessoa corajosa e por diversas vezes insana, que faz de tudo por uma fonte, se arrisca; ou quando sortudo, e seu trabalho depende excessivamente de causalidade.

Dentro do contexto da história, o jornalista pode ainda ser representado de forma variada, acumulando características ou mesmo incorporando outro arquétipo, a exemplo de Catherine Grant, uma manipuladora-narcisista. Os quadrinhos, por sua vez, como uma expressão narrativa e criativa que influencia outras mídias como o cinema e projeta esse conteúdo no leitor, acabam interferindo na percepção da sociedade, disseminando noções e estereótipos sustentados por meio de uma possibilidade já estabelecida, uma resposta induzida por meio das imagens arquetípicas de seus autores.

Por último, pode-se constatar, ainda, a importância do jornalismo na construção do Superman. Introduzido inicialmente como uma justificativa para identificação do público com o personagem por meio do jornalista Clark Kent, pessoa que compensa fraquezas e permite vantagens para o homem de aço, acesso facilitado dentro daquele universo e sentido ao herói; afinal, é, como Clark, que ele encontra seus objetivos, sua razão, onde ele é requisitado. Aos poucos, o personagem foi humanizado e o conceito de Siegel e Shuster do jornalista como disfarce foi substituído pela ideia de Byrne, na qual Clark (humano) persegue seus ideais e encontra seu objetivo (salvar vidas) não só como herói, mas também no jornalismo.

A situação seria revista e, nas reformulações seguintes do personagem como em *Birthright* (2003-2004), envolveria aptidão pessoal e experiências desagradáveis do passado que resultaram em narrar os fatos de longe sem muita aproximação com outras pessoas. Ademais, mesmo em contextos duvidosos, é difícil não justificar alguma atitude do personagem com relação a seu trabalho, como digitar e produzir uma matéria como uma pessoa comum em um período no qual poderia estar se dedicando exclusivamente em atuar como Superman; pois ele é Clark Kent, um “humano” e precisa/merece descansar.

Referências

Livros

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2002. 228p.

CAGNIN, Antônio Luiz. **Os Quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975. 240 p.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. 1ª. ed. São Paulo: Pensamento, 2007. 416 p.

CAMPOS , Rogério de. **Imageria: O Nascimento das Histórias em Quadrinhos**. 1ª. ed. São Paulo: Veneta, 2015. 360 p.

CIRNE, Moacy; MOYA, Álvaro De. (Org.). **Literatura em Quadrinhos no Brasil: acervo da Biblioteca Nacional**. São Paulo: Nova Fronteira, 2002. 159 p.

COOKE, Jon B.; NOLEN-WEATHINGTON, Eric. **Mestres Modernos: Volume dois** John Byrne. 1. ed. Rio de Janeiro: Marsupial, 2014. 128 p.

CRAFTON, Donald. **Émile Cohl, Caricature and Film**. 1. ed. New Jersey: Princeton University Press, 1990. 404 p.

DANNER, Alexander; MAZUR, Dan. **Quadrinhos: História Moderna de Uma Arte Global**. 1ª. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. 320 p.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial: Princípios e Práticas do Lendário Cartunista**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. 176 p.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. 1. ed. São Paulo: Devir Livraria, 2005. 168 p.

GOIDA, Fernando; KLEINERT, André. **ENCICLOPÉDIA DOS QUADRINHOS**. 1ª. ed. Porto Alegre: L&PM, 2011. 536 p.

JONES, Gerard. **Homens Do Amanhã**: *geeks, gângsteres e o nascimento dos gibis*. 1. ed. São Paulo: Conrad, 2006. 446 p.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Religião**. Editora Vozes, 1978.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e O Inconsciente Coletivo**. 2. ed. Vozes, 2002. 408 p.

KNOWLES, Christopher. **Nossos Deuses são Super-Heróis**: A história secreta dos super-heróis das histórias em quadrinhos. Ilustração de Joseph Michael Linsner 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2008. 248 p.

MALCOLM, Janet. **O jornalista e o assassino**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011. 171 p.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. 1ª. ed. São Paulo: M.Books, 2004. 218 p.

MORRISON, Grant. **Superdeuses**: Mutantes, Alienígenas, Vigilantes, Justiceiros Mascarados e o Significado de Ser Humano na Era dos Super-Heróis. 1. ed. São Paulo: Seoman, 2012. 496 p.

MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. 1. ed. Porto Alegre: L & PM, 1986. 240 p.

ROBB, Brian J. **A identidade secreta dos Super-Heróis**: A história e as origens dos maiores sucessos das HQs: Do Super-Homem aos Vingadores. 2. ed. Rio de Janeiro: Valentina, 2017. 303 p.

SCHWARTZ, Julius; THOMSEN, Brian M. **Man of Two Worlds**: My life in science fiction and comics. 1. ed. New York: HarperCollins, 2000. 197 p.

SEAGLE, Steven T.; KRISTIANSEN, Teddy. **É um pássaro....** 1. ed. São Paulo: NewPOP, 2004. 136 p.

SENRA, Stella. **O Último Jornalista**: Imagens de Cinema. 1ª. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1997. 212 p.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993. 114p.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.). **Muito Além dos Quadrinhos**: Análises e Reflexões sobre a 9ª Arte. 1. ed. São Paulo: Devir Livraria, 2009. 207 p.

VIEIRA, Geraldinho. **Complexo De Clark Kent**: São Super-Homens Ou Jornalistas?. 1ª. ed. São Paulo: SUMMUS, 1991. 156 p.

WELDON, Glen. **Superman**: Uma biografia não autorizada. 1. ed. São Paulo: LeYa, 2016. 383 p.

IRWIN, Willian (Org.); WHITE, Mark D. et al. **Superman e a Filosofia**. 1. ed. São Paulo: Madras, 2014. 288 p.

Trabalhos Acadêmicos

DAMASCENA, Breno. **O Arquétipo do Jornalista no Cinema**. 2015. 60 p. Tese de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/12158/1/2015_BrenoPereiraDamascena.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

DELGADO, Marcelo. **PARA O ALTO E AVANTE**: das páginas das histórias em quadrinhos à conquista do mundo, a construção do mito do Superman. 2010. 104 p. Tese de conclusão de curso (Graduação em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/monografia/para-o-alto-e-avante-das-paginas-das-historias-em-quadrinhos-a-conquista-do-mundo-a-construcao-do-mito-do-superman-2010/69>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

FONSECA DE ARAÚJO, Lucas. **CINEMA E QUADRINHOS:** a evolução da arte sequencial de Will Eisner e Frank Miller através do fenômeno noir. 2011. 150 p. Tese de conclusão de curso (Graduação em Comunicação e Multimeios) - Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, PUC/SP, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/mm/downloads/tcc-lucas-araujo.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

KANNO, Maurício de Paula. **JORNALISMO NAS HISTÓRIAS DE SUPER-HERÓIS:** OS QUADRINHOS DE CLARK KENT E PETER PARKER. 2006. 156 p. Tese de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/mauriciokanno/files/1307/7388/tcc-mpk.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

LIMA, Raimundo. **Quadrinhos como Labirinto:** Uma descrição interpretativa das tiras do blog manual do minotauro sob a ótica da poética do imaginário. 2014. 290 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MESSIAS, Fabiano; BALDO, Rafael. **JORNALISMO EM QUADRINHOS:** UMA ANÁLISE DO USO DA NONA ARTE COMO SUPORTE PARA A NARRATIVA JORNALÍSTICA. 2003. 155 p. Tese de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2003. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/monografia/jornalismo-em-quadrinhos-uma-analise-do-uso-da-nona-arte-como-suporte-para-narrativa-jornalistica-2003/47>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

PORTO, Bruno. **SUPERLOGOS:** Identidade gráfica dos logotipos das capas de revistas em quadrinhos brasileiras de Super-Herói. 2017. 246 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)- Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SOTTOVIA, Henrique Mendonça Torres. **POLÍTICA E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: IDEAIS POLÍTICOS PRESENTES NO GÊNERO LITERÁRIO**. 2016. 102 p. Tese de conclusão de curso (Graduação em Ciência Política) - Instituto de Ciência Política (IPOL), Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/14795/1/2016_HenriqueMendoncaTorresSottovia.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2018.

TRAVANCAS, Isabel. **O jornalista e suas representações literárias**. Disponível em: <<http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/TRAVANCAS%20ISABEL%202.pdf>>. Acesso em 25 de maio de 2018.

TRAVANCAS, Isabel. **Jornalista como personagem de cinema**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP2TRAVANCAS.pdf>>. Acesso em 25 de maio de 2018

Filmografia

Kill Bill: Volume 2. Direção: Quentin Tarantino, Produção: Lawrence Bender. EUA: Miramax, 2004. 1 DVD

Internet

ASSIS, Érico. **DC fala sobre o futuro da HQ de Superman**. 2008. Disponível em: <<https://omelete.com.br/quadrinhos/noticia/dc-fala-sobre-o-futuro-da-hq-de-superman-que-inclui-nova-historia-de-origem/>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

CRONIN, Brian. **Comic Book Questions Answered: Was Superman, the “Big Blue Boy Scout,” Ever an ACTUAL Boy Scout?**. 2012. Disponível em: <<https://www.cbr.com/comic-book-questions-answered-was-superman-the-big-blue-boy-scout-ever-an-actual-boy-scout/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

CRONIN, Brian. **Silver Age September: The (First) Death of Superman!**. 2011. Disponível em: <<https://www.cbr.com/silver-age-september-the-first-death-of-superman/>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

DARIUS, Julian. **Post-Crisis Superman: John Byrne Era (1986-1988)**. 2011. Disponível em: <<http://sequart.org/continuity-pages/dc-universe/superman/post-crisis-superman/john-byrne-era/>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

FAN, Ritter. **Superman: A Origem de um Mito**. 2016. Disponível em: <<http://www.planocritico.com/entenda-melhor-superman-a-origem-de-um-mito/>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

FORMAGLIO, Marina. 10 Coisas que você (provavelmente) não sabia sobre o Superman. 2013. Disponível em: <<http://www.garotasgeeks.com/coisas-que-voce-provavelmente-nao-sabia-sobre-o-superman/>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

GOMES, Fábio. **Superman 80 Anos: Como o herói mudou os quadrinhos para sempre**. 2018. Disponível em: <<https://omelete.com.br/quadrinhos/artigo/superman-80-anos-como-o-heroi-mudou-os-quadrinhos-para-sempre/>>. Acesso em: 13 maio 2018.

HARMON, Clell et al. **How can Superman hide his identity just by wearing a pair of glasses?**. 2015. Disponível em: <<https://www.quora.com/How-can-Superman-hide-his-identity-just-by-wearing-a-pair-of-glasses>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

JOURDAIN, Bill. **Superboy: The Early Adventures**. 2010. Disponível em: <<http://goldenagecomics.org/wordpress/2010/08/14/superboy-the-early-adventures/>>. Acesso em: 04 fev. 2018.

MEDEIROS, Marcus. **Geoff Johns comenta HQ de Superman**. 2007. Disponível em: <<https://omelete.com.br/quadrinhos/noticia/geoff-johns-comenta-hq-de-superman/>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

MUKHERJEE, Sudeep et al. **Why is Superman not recognised as Clark Kent?**. 2017. Disponível em: <<https://www.quora.com/Why-is-Superman-not-recognised-as-Clark-Kent>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

PEIXOTO, Irapuan. **As várias origens do Superman**. 2013. Disponível em: <<https://hqrock.com.br/2013/07/15/as-varias-origens-do-superman/>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

PEIXOTO, Irapuan. **John Byrne**: O grande criador dos anos 1980. 2011. Disponível em: <<https://hqrock.com.br/2011/05/01/john-byrne-o-grande-criador-dos-anos-1980/>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

PEIXOTO, Irapuan. **Superman**: A trajetória do maior dos super-heróis. 2012. Disponível em: <<https://hqrock.com.br/2012/01/23/superman-a-trajetoria-do-maior-dos-super-herois/>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

PEREIRA, Arnaldo. **SUPERMAN: ANÁLISE DE UM MITO AMERICANO PARTE 1 ASSIM NASCEU O SUPER-HOMEM**. 2016. Disponível em: <<http://mitopeia.blogspot.com/2016/11/superman-analise-de-um-mito-americano.html>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Jerry Siegel, Joe Shuster e o Super-Homem**. 2006. Disponível em: <<https://omelete.com.br/quadrinhos/artigo/jerry-siegel-joe-shuster-e-o-super-homem/>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

Sites especializados em HQs consultados

DC Wikia - <<http://dc.wikia.com>>

DC Universe Unofficial Guide <<http://dcuguide.com>>

Guia dos Quadrinhos - <<http://www.guiadosquadrinhos.com>>

Superman Wikia - <<http://superman.wikia.com>>

Comic Book Herald - <<http://comicbookherald.com>>

Byrne Robotics: The Official John Byrne Website - <<http://byrnerobotics.com>>

Coleções de quadrinhos e graphic novels consultadas

Byrne, John. *O Homem de Aço*. São Paulo: Mythos, 2006.

Gibbons, Dave; Rude, Steve. *Superman/Batman: Os Melhores do Mundo*. São Paulo: Panini, 2017.

Johns, Geoff; Frank, Gary. *Superman: Brainiac*. São Paulo: Panini, 2015.

Johns, Geoff; Frank, Gary. *Superman e A Legião dos Super-Heróis*. São Paulo: Panini, 2014.

Johns, Geoff; Frank, Gary. *Superman: Origem Secreta*. São Paulo: Panini, 2013.

Jurgens, Dan, et al. *A Morte do Superman Volume 1*. São Paulo: Panini, 2009.

Jurgens, Dan, et al. *A Morte do Superman Volume 2*. São Paulo: Panini, 2010.

Millar, Mark; Johnson, Dave; Plunkett, Killian. *Superman Entre a Foice e o Martelo*. São Paulo: Panini, 2017.

Moore, Alan; Swan, Curt. *O que aconteceu ao Homem de Aço?*. São Paulo: Panini, 2013.

Siegel, Jerry; Shuster, Joe. *Superman Crônicas nº 1*. São Paulo: Panini, 2007.

Siegel, Jerry; Shuster, Joe. *Superman Crônicas nº 2*. São Paulo: Panini, 2008.

Siegel, Jerry; Shuster, Joe. *Superman Crônicas nº 3*. São Paulo: Panini, 2013.

Siegel, Jerry; Shuster, Joe. *Superman Chronicles Vol. 4*. Nova York: DC Comics, 2008.

Siegel, Jerry; Shuster, Joe. *Superman Chronicles Vol. 5*. Nova York: DC Comics, 2008.

Siegel, Jerry; Shuster, Joe. *Superman Chronicles Vol. 6*. Nova York: DC Comics, 2009.

Straczynski, J. Michael; Davis, Shane. *Superman - Terra Um nº 1*. São Paulo: Panini, 2012.

Straczynski, J. Michael; Davis, Shane. *Superman - Terra Um nº 2*. São Paulo: Panini, 2012.

Straczynski, J. Michael; Davis, Shane. *Superman - Terra Um nº 3*. São Paulo: Panini, 2018.

Waid, Mark. *Superman: O Legado das Estrelas*. São Paulo: Panini, 2006.

Wolfman, Marv. *Crise Nas Infinitas Terras*. São Paulo: Panini, 2016.

Revistas avulsas consultadas

Action Comics nºs 41 - 50 (1941 - 1942), 240 - 242 (1958), 252 (1959), 584 - 600 (1987 - 1988)

Adventure Comics nº 210 (1968)

Superman nºs 53 (1948), 61 (1949), 149 (1961), 264 (1973), 317 (1977), 1-10 (1987), 12 - 20 (1987 - 1988), 84 (1993)

Adventures of Superman nºs 424 - 430 (1987), 440 - 465 (1988 - 1990), 493 (1992)

Superman's Girl Friend Lois Lane nºs 100 - 109 (1970 - 1971)

Superboy nºs 1 - 20 (1949 - 1952)